

ACÁCIA

∞ O POVO DAS CRIANÇAS DIVINAS ∞

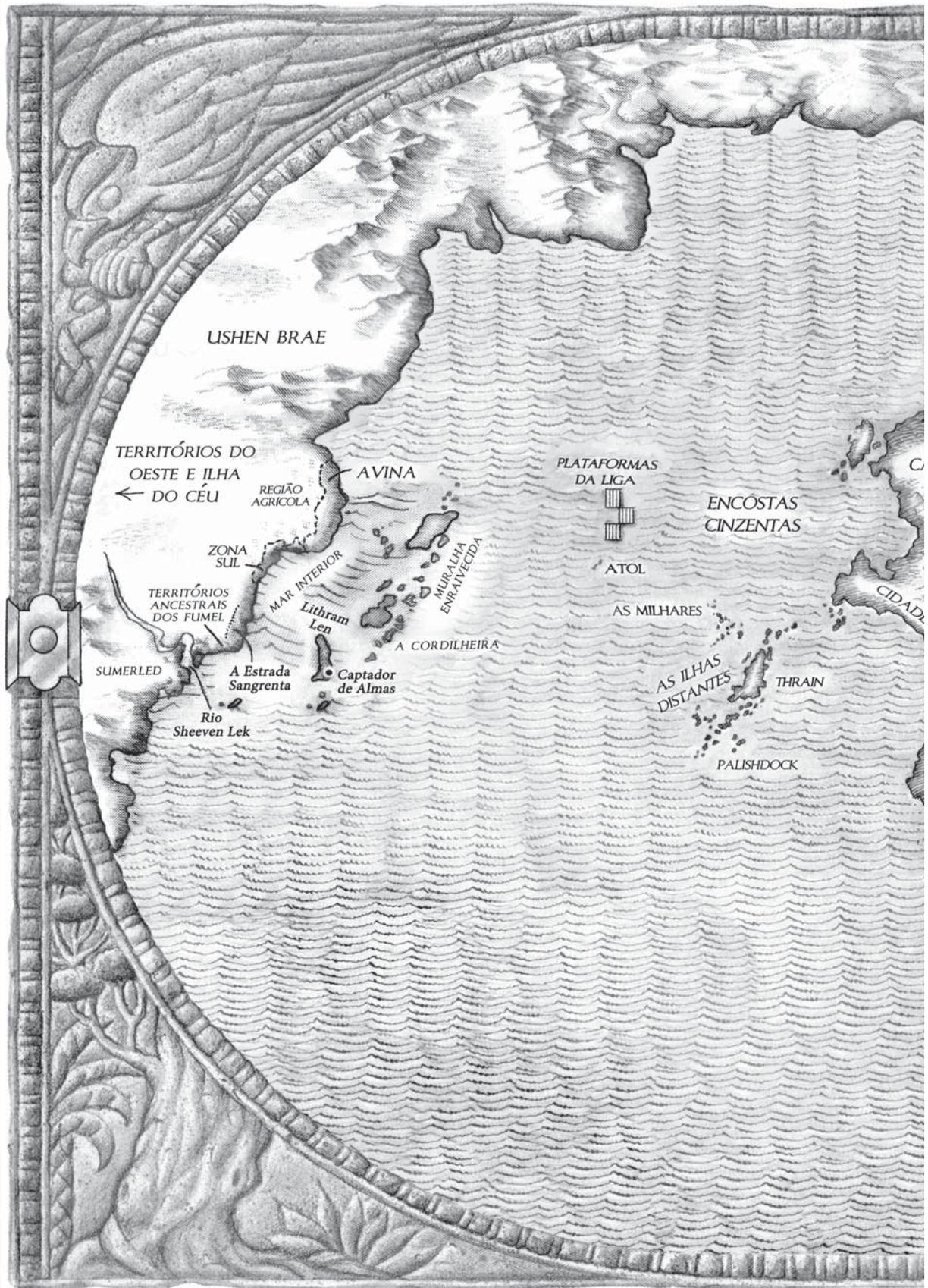
Tradução de Maria Correia

*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*

DAVID ANTHONY
DURHAM



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina

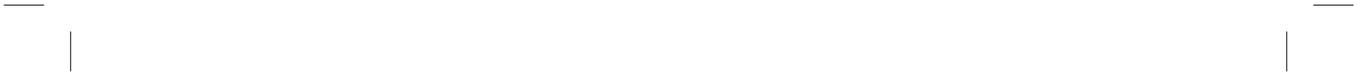


*Para Maya e Dolphino,
sem os quais não teria havido
Mena e Elya*

AGRADECIMENTOS



A minha mulher, Gudrun, lê sempre tudo primeiro, o que é uma sorte para todos nós. Estou-lhe grato por isso; os leitores também o deveriam estar. Gostaria de agradecer também a Jamie Johnston (também conhecido como Dariel) por ter dado uma leitura apreciativa ao manuscrito. Hannah Strom-Martin foi maravilhosa ao editá-lo e este romance ficou muito melhor graças aos seus esforços. Como sempre, sinto-me feliz e considero-me com muita sorte por trabalhar com o meu editor, Gerry Howard, e por ter o apoio e orientação do meu agente, Sloan Harris. Gostaria também de dar as boas-vindas à vasta família de editores e de leitores que acolhem o meu trabalho por todo o mundo, em línguas que não falo. Obrigado a todos.



CONTINUAÇÃO
LIVRO DOIS

CAPÍTULO

VINTE E SEIS



À o princípio da noite, no sul de Talay, Kelis encontrava-se deitado no chão, olhando as estrelas, espantado com o rumo que a sua vida tomara tão subitamente. Passara por todos os acontecimentos, mas tinha ainda de os organizar no seu espírito. Fora chamado a Bocoum para se encontrar com Sangae e Sinper Ou. Até aí, tudo corria normalmente. Gostara de correr todos aqueles quilómetros até à cidade ao lado de Naamen. De certa forma, isso lembrara-o dos tempos em que corria com Aliver, ainda jovens e plenos de vigor, mas preferira não pensar muito no assunto. Depois encontrara-se com Ioma Ou, Benabe e Shen. A filha de Aliver. Depois disso, nada voltara a ser como dantes.

Ainda se sentia atordoado ao pensar naquele encontro. Vira nas feições da menina que Aliver continuava a existir num corpo vivo. Ela não era o seu príncipe, claro. Era Shen. Contudo, algo de Aliver vivia no seu olhar. Não o poderia negar; nem queria sequer. Tratava-se apenas de uma menina, mas, ao conhecê-la, sentira que os seus objetivos de vida, assim como todas as suas lealdades tinham sido atirados ao ar. E ainda não tinham voltado a pousar em terra.

Não entendera sequer ainda a razão de os vários jogadores naquele tabuleiro a terem levado até ele. Não se podiam questionar as razões de Sangae, mas os Ou eram outra coisa, e tinham diferentes objetivos. Apesar de não se ter oposto ao plano deles na sua presença, Kelis pressentira que Sinper não queria que a menina escapasse ao seu controlo. Kelis tinha a certeza de que se não fosse pela reverência

ACÁCIA

mítica que os talayanos sentiam pelos Santoth, Sinper nunca os teria deixado partir e teria encontrado algum pretexto para afirmar que Shen se encontrava mais segura em sua casa. E depois? Faria tentações de usara menina numa dança pelo trono? Por que razão os homens ricos ambicionam sempre algo mais?

Seria necessário um exército para obter o trono para Shen, travar uma verdadeira guerra contra o poderio de Corinn. Tal ideia deveria parecer inverosímil, arrasadora e louca, no entanto, a ele causava-lhe antes pavor. Todos, em Talay, lutariam do lado da filha de Aliver. Embora fosse uma rapariga, apesar de ter nascido fora do casamento, nada disso dissuadiria o povo. Se acreditassem que Shen era filha de Aliver, lutariam. Diriam que pertencia a Talay, e que a sua vitória seria o triunfo deles. A loucura poderia recomeçar. Por esta razão, Kelis sentia algum alívio por levar Shen para fora do controlo dos Ou.

Partiram de Bocoum no dia seguinte. Ioma disponibilizara um pequeno batalhão de guardas para os acompanhar, mas Kelis argumentara que um número de pessoas mais reduzido seria muito mais discreto. Sangae queria que Naamen acompanhasse Shen e a mãe e, quando Shen concordou com ele, o número de pessoas do grupo ficou decidido. Despiram-se de roupa e joias que pudessem indicar a sua verdadeira identidade e vestiram-se como uma família de jornalheiros ambulantes.

Seguiram caminho até um entreposto comercial situado a este, e, aí, marcaram passagem a bordo de um barco de pesca que contornaria a costa de Teh em busca de peixe amarelo. Desembarcaram em Palik, em território dos balbara. Após terem deixado a cidade, trocaram novamente de roupa, disfarçando-se de pastores de cabras. Se alguém perguntasse, estariam de regresso depois de terem vendido o rebanho, ou iam a caminho de buscar novo gado — dependendo das circunstâncias de quem perguntasse.

Shen parecia aceitar tudo com tranquilidade. Por vezes Kelis sentia-se nervoso com a presença da menina. Era uma criança! Que sabia ele de crianças? O que sabia Naamen? Eram dois homens, ambos sem filhos, que, subitamente, se encontravam a braços com o destino de uma menina de nove anos. Sentira-se menos inquieto na presença de chefes tribais irascíveis como Oubadal. Achava estranho nunca ter imaginado o fardo que uma criança pudesse ser. Embora

em alguns aspetos sentisse que Benabe era desagradável, sempre à procura de falhas em tudo e em todos, estava contente por ela ter vindo.

Era assim que se sentia quando se afastava um pouco deles e conseguia analisar a situação. Quando se sentava ao lado de Shen, de manhã, preparando a comida para ela numa pequena fogueira; quando ela lhe fazia perguntas sobre plantas e animais; quando ela brincava com ele, imitando-lhe a forma ruidosa de mastigar ou de levantar o queixo ao perscrutar a paisagem; ou quando ela puxava o lóbulo da orelha tal como ele fazia enquanto pensava — bem, então esquecia-se de toda a apreensão e sentia-se ele próprio como uma criança.

Uma vez, após uma semana de viagem pelo interior de Talay, tinham continuado a correr pela noite dentro para se afastarem de uma manada de Iarix que guinchavam estridentemente. Kelis precisara de levar a menina ao colo. Benabe acompanhava-lhes o passo. Shen seguia às costas dele, agarrada ao seu pescoço. Kelis amarrara uma faixa à volta da menina para a manter no lugar. Durante algum tempo estivera consciente do peso da criança, enervado por a sentir na pele e a intimidade inocente com que as pernas dela se prendiam à volta do seu corpo, pela fricção dos seus corpos enquanto corriam.

Porém, a sensação ocorria só quando pensava nisso. Em breve se entregou totalmente à corrida, observando a paisagem passar veloz a seu lado, sentindo-se num transe, totalmente em sintonia com o movimento das suas pernas a percorrer a terra, enquanto ia olhando as estrelas no negrume do céu. Quando a lua nasceu, o luar derramou sobre as terras uma luminosidade óssea, realçando as flores a desabrochar nas acácias. Era uma terra maravilhosa, aquela. Sentia as suas pernas e braços e pulmões e corações unidos a ela. Esqueceu-se completamente de Shen e só percebeu que ainda a levava às costas quando deixaram de fugir dos Iarix e Naamen se chegou ao pé dele para desapertar a faixa que prendia a menina às suas costas.

— Aquilo parece um leão, não é? — perguntou Shen. Era a primeira a falar após bastante tempo de silêncio.

— Sim, filha — sussurrou Benabe.

— Por que ruge ela assim?

— Não é uma ela, só os leões rugem assim — explicou a mãe. — Quem saberá dizer por que se queixam os homens?

ACÁCIA

— Dores de barriga — disse Naamen. — Têm a barriga demasiado cheia e arrastam-na pelo chão.

Kelis sorriu. As cinzas de uma fogueira quase apagada fumegavam a seu lado. Gostava de ouvir aquele som durante os momentos de silêncio. Contudo, esses momentos nunca duravam muito. O leão de Shen bem o demonstrava. Pelo som do rugido feroz e solitário do bicho, Kelis percebeu que se encontrava bastante longe. Estivera atento, no fundo de si, aos movimentos do animal, mas preferiria tê-los ignorado. Não gostava de leões. Disse então:

— Ruge assim para que o mundo inteiro saiba que existe. Os leões são orgulhosos, mas também têm medo.

Shen soergueu-se sobre um cotovelo. Estava deitada numa manta ao lado da mãe. Com certeza não passara muitas noites da sua vida a dormir ao relento, mas tinham-lhe bastado três semanas de viagem sob a abóbada dos céus de Talay para parecer à vontade no chão de terra dura, com roupas simples, comendo refeições frugais como as que comiam os corredores talayanos em viagem.

— De que têm eles medo? — perguntou a menina. — Do larix?

— Sim, os larix atacam os leões — explicou Kelis. — Também têm medo das pessoas, embora não gostem de o admitir.

Benabe bufou.

— Têm medo de nós? Então porque não se calam? Em vez disso, anunciam a toda a gente onde se encontram. Se eu fosse um caçador, sairia já daqui e iria até lá dizer-lhe — interrompeu-se, apontando na direção de onde viera o último rugido — para se calar! Era isso que eu faria. — Pôs-se a fazer cócegas debaixo dos braços de Shen para realçar o que dissera. A menina contorceu-se um pouco, rindo.

— Isso seria algo de meter medo — disse Kelis —, mas não é a esse género de medo que me refiro. Os leões têm sede de glória. Morreriam a lutar, de bom grado, desde que levassem meia dúzia consigo para as trevas. Estão sempre preocupados com a possibilidade de serem esquecidos, desprezados ou ridicularizados. É por isso que passam tanto tempo da sua vida a castigar outras criaturas. São animais mesquinhos. Roubam o que outros predadores caçaram. Despedaçam os corpos dos felinos mais pequenos e deixam os cadáveres para que as mães os encontrem. — Kelis aconchegou a túnica leve ao peito, não porque tivesse frio, mas para preencher o momento em

que poderia ter descrito mais crimes. — São tiranos. É por isso que atraem os homens insignificantes.

— Sinper Ou tem um leão no seu escudo — disse a menina. — Achas que é um homem mesquinho?

— Sim, — disse Benabe — diz-nos, Kelis, achas que o magnífico e rico Sinper Ou é um homem mesquinho?

Kelis pigarreou. Não estava habituado ao modo como Shen o apanhava desprevenido, mas acreditava que ela não tinha malícia nenhuma nisso. Não diria o mesmo sobre Benabe, mas Shen fazia perguntas simplesmente porque era uma menina curiosa. Ouvia fosse qual fosse a resposta que ele lhe desse sempre com o mesmo interesse atento. De facto, Kelis já mudara o modo como falava com ela. Chamava-lhe «criança», mas cada vez mais pensava que Shen não era igual às crianças da sua idade. *Seriam as outras crianças como ela?*, pensava. *Será que nunca reparei, ou será que esta é diferente?* Disse então:

— Não penso que o Pai Ou conheça os leões como eu os conheço.

— Os leões nem sempre foram os rufiões que são agora — explicou Naamen. Estava sentado de pernas cruzadas, do outro lado da fogueira, mastigando agrião para limpar os dentes. Fosse qual fosse a natureza das relações entre Kelis e a menina, tal parecia não o afetar. Falou em voz baixa, como um contador de histórias. Shen sentou-se para o ouvir.

— Outrora, quando o Doador andava pela terra, os leões, os larix e todos os outros animais viviam em paz uns com os outros. Todos sabiam que...

— Chiu — pediu Kelis. — Ela já ouviu essas histórias antes. Agora deve ir dormir.

— Não — protestou Shen. — Conta-me. Quero ouvi-lo pela voz de Naamen.

— Continua — replicou Benabe. — Tens boa voz para contar histórias.

Sorrindo, triunfante, o jovem prosseguiu o relato.

— Eram criações do Doador. Sentiam o seu amor e sabiam que ele o partilhava igualmente com eles. Era uma época de prodígios.

Descreveu esses prodígios com pormenores cheios de imaginação, exemplificando as cenas com a ajuda tanto do braço bom como

ACÁCIA

do aleijado. Todas as espécies de animais seguiam o Doador, cantando para o louvarem. Todas as criaturas resplandeciam na frescura de seres recém-criados. Tudo acabara de nascer, e, naqueles primeiros dias, nenhum animal pensava em comer outro. Assim, davam saltos no ar para apanharem frutos maduros das árvores. Os shiviths corriam ao lado das gazelas por puro gozo. Os rinocerontes brincavam com os elefantes como se fossem grandes amigos. As águias erguiam ratinhos com muito cuidado nas suas garras para que os animais, tão pequeninos, pudessem ver a terra das alturas. Os leões lutavam com os larix em competições fraternais.

— Consegues imaginar estas coisas? — perguntou Naamen.

— Consigo — respondeu Shen.

— Bem, é bom que tenhas olhos para ver tudo isto, pois não durou muito tempo.

Naamen explicou então que Elenet, o primeiro homem, nascera naquela altura. Durante algum tempo partilhara daquela felicidade, mas dentro em breve aprendeu o suficiente da língua do Doador para se tornar vaidoso. Tentou criar os seus próprios seres, mas, por não ser o Doador, nada do que tentava criar lhe saía bem. Tudo saía sempre retorcido. Ao querer criar calor, fez o sol tornar-se tórrido. Ao fugir, ia cantarolando para se sentir mais fresco e gelou grandes áreas do mundo. Para se aquecer, fez o fogo, sem reparar que o fogo queima tudo em que toca. Para apagar o fogo, levantou a água dos rios e gerou tempestades. Para amainar as tormentas, soprou com toda a força para limpar os céus e criou os desertos.

— Estás a entender? — perguntou Naamen. — Tudo o que ele criou se transformou em caos; nada veio ao mundo como ele tencionara que viesse. Ao querer tornar-se imortal, abriu as portas à doença. Criou a morte no instante em que teve medo dela e ao querer fugir-lhe.

— Antes nunca ninguém tinha morrido? — perguntou Shen.

— Não — retorquiu Naamen — isto foi no tempo da primeira geração de tudo. De início, havia o nada, depois existia a vida. Talvez tivesse sido sempre assim, se Elenet não tivesse agido erradamente.

Porém, Elenet agira erradamente e o Doador perdeu a fé que tinha nos seres que criara. Foi-se embora e abandonou as suas criaturas, receando que houvesse outra que o traísse. Num instante, todo o mundo mudou. A bondade que existia, pois era inerente ao Do-

ador, partiu com ele, e o mundo transformou-se num lugar muito diferente. Animais que haviam sido amigos começaram a lutar entre si. Os fortes começaram a fazer mal aos mais fracos. Não passou muito tempo antes que alguns animais se comessem a banquetear com a carne dos outros. As águias agarraram com força nos ratos que haviam sido seus amigos para os comerem. As cobras usaram a sua capacidade de se esconderem para caçar. Os leões comiam o que queriam a bel-prazer. Temendo desaparecerem todos, os animais que eram caçados aprenderam a acasalar e a procriar, mas, depois, os que os caçavam aprenderam-no também. Por mais perigoso e doloroso que fosse, tiveram os seus próprios filhotes, que também ensinaram a caçar.

Elenet fugiu de todo este caos, embora ninguém saiba para onde. Na sua ausência, os leões anunciaram que eram as criaturas supremas na terra. Os larix, ao ouvirem isto, desataram à gargalhada porque desprezavam os leões e consideravam-se a si próprios os animais supremos da terra. É por isso que o leão e o larix ainda rugem uns para os outros hoje em dia. Os leões rugem a sua supremacia; o larix replica, histérico, à tontice do leão.

— A sua rivalidade sangrenta dura até hoje — explicou Naamen — e talvez continue para sempre. Pelo menos, até o Doador voltar e colocar o mundo em ordem.

O contador de histórias baixou a cabeça, indicando que o conto acabara. Shen estivera estendida com a cabeça encostada ao braço. Por instantes, Kelis pensou que tivesse adormecido, mas então a menina disse:

— Pensei que tinham sido os Santoth a criar o larix com o toque do seu olhar... quando estavam zangados, quero eu dizer, por terem sido banidos.

— Por vezes diz-se isso — admitiu Kelis.

— Mas o Naamen disse que o larix já existia nos primeiros dias do mundo.

Naamen replicou:

— Por vezes dizem-se duas coisas que não concordam uma com a outra. Qual será a verdadeira? Ou serão ambas verdadeiras? Não sei dizer. Conte apenas aquilo que me contaram.

A menina bocejou.

— Terei de perguntar às pedras. Elas dir-me-ão a verdade.

Shen proferiu a frase com uma naturalidade infantil, sem dar ideia de que qualquer um deles pudesse achar a ideia fantástica, improvável ou até assustadora. Isto fez Kelis voltar ao turbilhão dos pensamentos que o preocupavam. Não estavam numa caçada normal nem num acampamento à luz das estrelas em que se contavam antigas histórias. Pela segunda vez na sua vida, ia à procura dos feiticeiros banidos, os Falantes dos Deuses, os Santoth — aqueles a quem Shen se referia como as pedras. Eram seres que vira apenas uma vez, numa tarde horrível e furiosa. Fora um acontecimento glorioso pois marcara a derrota do exército de Hanish Mein, mas envolto na emoção pela morte de Aliver, que recordava em cenas tão terríveis que o levavam a suplicar para que nunca mais visse nada igual.

Mesmo assim, ali estava ele, à procura daqueles mesmos feiticeiros. Ninguém saberia dizer porquê, com exceção de uma menina que dizia que aquilo tinha de ser feito. Ele iria levar essa menina, uma mulher e um jovem com ele, e fazia-o com tal discrição para que a rainha a quem jurara lealdade não soubesse da existência da sobrinha, que representava alguém que poderia contestar o direito do seu próprio filho ao trono.

A voz de Benabe interrompeu os seus pensamentos.

— O que quererão eles da minha menina? Sabes dizer-me?

Benabe estava estendida ao lado da filha, que agora dormia, apoiada com um cotovelo no chão e virada para Kelis. O rosto estava iluminado mais pelas estrelas do que pela parca luminosidade da fogueira quase apagada. Vista àquela claridade, entre a luz e a sombra, tanto podia ser muito velha como bastante nova. De qualquer modo, possuía uma beleza que muitos artistas teriam gostado de gravar na pedra.

— Eu? Prima, eu não possuo essa sabedoria.

Benabe suspirou e contemplou a escuridão que envolvia a planície à sua volta. O leão parara de rugir, mas agora ouviam-se mil e uma criaturas a chilrear, a zunir, a sussurrar e a latir.

— A Shen não tem tremuras desde que saímos de Bocoum — proferiu Benabe. — Normalmente tem ataques de duas em duas semanas. Sempre odiei esses momentos. Podem acontecer a qualquer instante e em qualquer parte. Num dado momento está a andar, no seguinte cai no chão, de olhos revirados e boca aberta, sugando o ar

com toda a força. Acontece com mais frequência quando anda agitada.

— Ela não me parece agitada — disse Naamen.

— Não, pois não — retorquiu Benabe num tom quase amargo, resignado. — Estamos a atravessar um continente, no meio de um deserto imenso, para ir ao encontro de uns feiticeiros que deviam ter morrido há duzentos anos e ela nunca me pareceu mais feliz, mais saudável. É como quando acorda das tremuras. Fica com o rosto sereno, em paz. Sorri e... vê-se que está feliz. Quanto a mim, o meu coração bate loucamente. De cada vez que isso acontece, penso que o ataque a destruiu, mas ela recupera sempre cada vez com mais alegria. Deveria amar essas crises por isso, mas não consigo, odeio-as.

Olhou para Kelis, observando-o com atenção, depois para Naamen e novamente para Kelis.

— Não sei se estou a agir bem deixando-a ir. Kelis, tu já os viste. Diz-me que esses magos são bons.

Como resposta, ele aconchegou a capa, apertando-a em volta do tronco. Forçou um bocejo e fê-lo demorar, depois ajeitou-se numa posição como se fosse dormir.

— Nada há a recear — respondeu, esperando que a mentira bastasse para acabar a conversa.

Na tarde seguinte, Kelis reparou em algo de estranho ao longe, a sul. Nada disse sobre o assunto, nem nesse dia nem no seguinte. Porém, ao terceiro dia, Naamen tentou olhá-lo nos olhos enquanto caminhavam. Fitava-o com ar preocupado, mas Kelis não lhe retribuía o olhar. Kelis estava satisfeito por o companheiro não expressar em voz alta o que pensava, pois ainda tinha esperanças de poder acordar na manhã seguinte e ver que os vultos não passavam de nuvens, de miragens, truques que o vapor quente que emanava da terra pregava aos olhos.

Porém, ao ar límpido da quarta manhã, já não podia evitar a verdade. Ali perto, tão subitamente perto — como se tivessem andado para a frente em bicos dos pés durante a noite — via-se no horizonte uma vasta muralha de enormes picos montanhosos. Eram montes e montanhas, encostas íngremes em granito, atrás dos quais

ACÁCIA

mais vertentes escuras se erguiam abruptas até ao céu, os picos desvanecendo-se na névoa, só se conseguindo imaginar a verdadeira altura que teriam. Formavam uma cordilheira gigantesca ao longo do horizonte. Uma cordilheira como ele nunca vira e que de certeza não se encontrava lá da última vez que se aventurara até tão a sul.

Benabe perguntou:

— Eu vejo aquilo além e tu vês aquilo além. Ambos o vemos, não é verdade? Então, pergunto, porque aparecem ali montanhas à nossa frente? Ninguém nos disse nada sobre subir montanhas.

— Não conheço aquelas montanhas — foi tudo o que Kelis conseguiu responder.

— O que queres dizer? — inquiriu Benabe. — Tu já percorreste antes este caminho...

— Percorri, sim, mas as montanhas não se encontravam lá antes.

Contemplou aquilo durante bastante tempo enquanto os outros o assaltavam com perguntas. O que queria dizer aquilo? Estariam assim tão perdidos? Como poderiam existir montanhas tão grandes e eles nunca terem ouvido falar delas? Como não as teria visto ele ao fazer aquele caminho anteriormente? Teriam de as atravessar, ou contornar ou...

A cada uma das perguntas ele abanava a cabeça e repetia:

— Não conheço aquelas montanhas.

Olhou para Shen, que o observava. Era a única que não estava abalada pela visão da barreira maciça que tinham defronte. Inclinou a cabeça e sorriu, como se totalmente despreocupada e pronta a continuar.

CAPÍTULO
VINTE E SETE



Ele pronunciara o seu nome. Mór. A palavra saíra-lhe da boca como se a conhecesse, como se fossem velhos amigos ou camaradas, como se ele fosse um amo prestes a castigá-la por um trabalho negligente, como se tivesse o direito de saber o nome dela e de o proferir. Ela não tinha a certeza com qual ele se parecera mais ao falar, mas abarcava-as a todas. Era algo muito simples, mas tão inesperado que deu azo a que se sentisse mais irritada do que esperara. O momento pelo qual aguardara uma vida inteira... o momento em que cuspiria na cara de um príncipe Akaran. Um vil e desprezível Akaran! Um déspota. Um criminoso. Uma abominação que só merecia viver até ter compreendido a total dimensão dos crimes cometidos em seu nome. Fora ter àquela sala pronta a regozijar-se finalmente por poder ver um desses Akaran, alguém ainda mais odiado do que os Auldek ou os Lothan Aklun ou a Liga dos Navios.

Em vez disso, perdera o controlo sobre si própria. Porquê? Talvez, pensava, sentada num quarto sem janelas no labirinto de túneis subterrâneos que atravessavam a capital, por causa do seu sotaque. O seu maldito sotaque acaciano! Falava como todos eles outrora haviam falado — todos eles, com uma ou outra variante na pronúncia — antes daqueles anos em Ushen Brae, a conversarem entre si em acaciano em segredo, enquanto a língua oficial dos auldek deformava a sua pronúncia de modo a já não se lembrarem de como se deveria articular as palavras. A linguagem de desafio que o Povo falava entre si era uma triste imitação da língua daqueles que os haviam vendi-

ACÁCIA

do como escravos. Tudo continha uma terrível ironia. Fora isso que, agora que pensava no assunto, a levava a atacá-lo tão ferozmente.

Ou talvez, bem, talvez existisse outra coisa. Detestava ter de o admitir, mas a cadência da voz dele fez-lhe recordar a mãe. Nunca esperara tal. Alguns segundos na presença dele. Algumas palavras ditas, e o peso das saudades que sentia por Ravi abateu-se sobre ela. Não se tratava apenas de uma recordação, mas da consciência total e plena das saudades que tinha do irmão, do sentimento de incompletude de que sofria sem ele. O sacana do Akaran! Ter-lhe avivado tudo isto somente com algumas palavras... Devia ser alguma espécie de magia Akaran. Quem a poderia culpar de lhe ter atirado a cabeça contra a parede? Por ela, ele teria merecido ainda pior.

Baixou ainda mais a cabeça e tocou com os implantes nodosos que lhe saíam das pontas dos dedos na cabeça, pressionando-os até lhe causarem dor. Agiria melhor da próxima vez que estivesse com ele. Era sua responsabilidade. Os anciãos confiavam nela no que respeitava a este caso e não os desiludiria. Ravi teria querido mais dela; não lhe falharia, onde quer que estivesse a sua alma em Ushen Brae.

Soltou as garras da cabeça, suspirando, e pôs-se de pé. O olhar vagueou até ao espelho pequeno por cima da mesa em frente dela. Não conseguia ver bem a sua imagem refletida devido ao ângulo do espelho, mas sabia o que veria se virasse o espelho para si: a imagem que se habituara a pensar como sua. Desde o peito ao pescoço, subindo pelo rosto e até à linha do cabelo, tinha manchas como um shivith, tinta preta e amarela com sombreados, tudo incorporado na pele, tatuado no tecido vivo. Shivith. A imagem que tinha agora seria eternamente a de uma mescla de ser humano com felino. Tal como tudo em Ushen Brae, a ironia estava em que não se conseguiria imaginar de outro modo. Não se conhecia sem as tatuagens que a definiam, que a situavam, que a marcavam como propriedade neste mundo.

Recordava-se de Ravi como ele fora. Da última vez que o vira ele era uma criança, ainda não alterada. Todos diziam que ela e o irmão tinham o mesmo rosto. Assim, talvez, ao recordar-se dele, se lembrasse de si própria também. Ele tinha uns olhos que revelavam uma aparente tranquilidade, com pálpebras pesadas ao jeito candoviano. Lindos, pensava ela. Olhos sábios num rosto sábio. Ravi... Como se agarrara a ele no barco que os levava do Mundo Conhecido para a escravidão.

Mesmo quando já se encontravam no porão do navio da Liga, Ravi insurgira-se contra aquela injustiça. Podia apresentar um olhar tranquilo, mas o espírito era sagaz e corajoso. Murmurara-lhe ao ouvido planos para fugirem. Primeiro um plano, depois outro, tentando ainda e sempre arquitetar novos esquemas pois todos se revelavam impossíveis de concretizar. Tentava cativar os outros meninos para a fuga. Deixava-a por períodos curtos e ia falar com os outros prisioneiros, à noite, quando os guardas os deixavam sozinhos. Tentava transformar o medo e raiva deles em algo de útil. *Tinha de haver uma maneira*, afirmava ele. *Tinha de haver! Lembra-te, eram milhares!* Poucos o escutavam. O irmão ficara para sempre marcado pela explosão de ira que tivera na praia. Apesar de nenhuma das crianças saber o que o homem da Liga reservava a Ravi, todos suspeitavam de que seria um destino pior do que o deles. O homem da Liga não mencionara qualquer coisa sobre serem comidos? Que monstro o aguardaria e por que razão haveriam de deixar que ele os guiasse para um destino semelhante?

Os poucos que o haviam ouvido com olhares nervosos, ansiosos por fugir, afastaram-se de Ravi depois de o homem da Liga os ter tirado do porão para lhes mostrar o mundo que somente a Liga lhes poderia oferecer. As crianças foram reunidas em grupos, agarrando-se umas às outras, com medo da espuma do mar e do vento que varria o convés oscilante. O navio, enorme e maciço, erguia-se e tombava sobre vagas colossais. Tudo em volta, até perder de vista, nada mais era do que o caos ondulante das vagas cinzentas escuras, enraivecidas, tão frias e duras como pedra. Aqui e além, os homens da Liga soltavam improperios. Eram homens doidos, escarranchados lá no alto dos mastros. Gritavam e agitavam os braços, riam como se nada no mundo fosse tão grande como a fúria do mar. Nada exceto o seu domínio dos mares. Mór pensara que nunca veria nada de tão aterrador. Ela estava enganada. O horror adquire muitas formas.

Foi horror o que lhe correu nas veias quando os homens de capa vermelha foram ter de novo com eles. Vieram de manhã, caminhando a passos largos por entre as crianças adormecidas nos porões. Iam dando pontapés e empurrões, gritavam obscenidades e ameaças maldosas e alegravam-se perante cada rostinho servil. Sabiam onde estava Ravi, e foram buscá-lo. E buscá-la. Ravi deu luta, mas não se tratava de um combate que pudesse vencer. Ao ver como o irmão es-

perneava e esbracejava e os soldados o espancavam com os punhos, Mór teve vontade de gritar. Mas não só àqueles homens vis. A Ravi também. *Para de lutar! Para de fazer precisamente o que eles querem!*

Os homens de capa vermelha levaram Mór e Ravi para longe dos outros meninos, fizeram-nos subir ao convés e foram-nos empurrando para ali e acolá, obrigaram-nos a descer uma rampa comprida e estreita que saía do meio do casco gigantesco do navio e descia até uma doca. Então, viram os homens de capa, de cabeças alongadas e corpos frágeis que ali estavam à sua frente. Ela lembrava-se de que um deles tinha unhas muito compridas, curvas, dobradas sobre si próprias. Depois disso, encontravam-se no mais estranho dos barcos, muito branco, lustroso e impulsionado por uma força invisível. A embarcação cortava correntes e ventos com toda a facilidade. Apesar de ter andado no mar durante semanas, Mór sentiu-se tão enjoada que vomitou. Ravi agarrava-lhe a mão com força, mas isso não ajudara.

Os homens de capa — da Liga dos Navios, claro — entregaram-nos a uma mulher que esperava por eles junto a um quebra-mar em pedra. Era a primeira mulher que Mór via desde que entrara a bordo do navio da Liga. Caminhou até eles como uma princesa. Foi isso que Mór pensou. Tal como uma princesa, usava um vestido cintilante, que lhe assentava bem à figura esguia, e que alargava em roda à volta dos tornozelos, escondendo o movimento das pernas. Parecia que se encaminhava para eles sobre rodas. Tinha feições delicadas, muito pálidas. Só quando parou à frente deles é que Mór compreendeu que as formas atrás da cabeça que pensara serem um chapéu estranho eram na verdade as orelhas da mulher. Saíam de ambos os lados da cabeça, longas e pontiagudas, dobrando-se nas pontas.

Talvez devido àquela visão — ou pela sensação enervante de pisar terra firme novamente, ou por ter comido tão pouco e vomitado tanto, por se sentir tão fraca — fosse pelo que fosse, Mór desmaiou.

Acordou momentos depois, com a mulher de orelhas grandes debruçada sobre ela, observando-a. Nos anos que se seguiram, Mór pensou muitas vezes naquele rosto olhando para ela, da primeira vez que olhara nos olhos uma Lothan Aklun. A mulher sorriu.

— Ouvi os teus pensamentos — proferiu, numa língua que não era candoviano. Parecia-se com o acaciano, de que Mór compreendia um pouco, mas era diferente também. Ao ouvir as estranhas palavras, também compreendeu o seu sentido. A Lothan Aklun inclinou

a cabeça e passou um dedo fino sobre uma das orelhas alongadas. — Fazemos isto não só para ficarmos mais belos mas também para ouvirmos melhor. — Era uma recordação quase consoladora, a voz da mulher, meiga, as palavras suspiradas. Era a primeira coisa que um Lothan Aklun lhe dizia, e foi a última coisa que ela erradamente pensou ser algo de gentil neles.

Então, fizeram outra viagem de barco, depois de os homens da Liga terem partido, numa embarcação que, apesar de pequena, era tão veloz ao cortar as ondas que Mór tinha vontade de gritar. Navegava por entre ilhas e mais ilhas, bamboleando para trás e para a frente e, em poucos minutos, só viam atrás um labirinto de terra e água. Navegaram algum tempo contornando o litoral de uma ilha maior, muito arborizada e com ar selvagem. Por fim, o barco aportou num pequeno pontão perto de um maciço rochoso. A mulher levou-os para fora do barco e subiram uma escadaria talhada na falésia. Ravi agarrava ainda na mão de Mór e, quando a mulher parou à frente de uma porta escura e lhes fez sinal para entrarem, passaram a entrada, juntos, lado a lado. Foi nessa altura que entrou na sala de que se lembraria para o resto da sua vida. Foi assim que entrou pelo seu próprio pé na bocarra do comedor de almas.

Skylene apareceu à entrada. Permaneceu ali uns instantes, de sobrolho franzido, olhando para Mór, com um olhar meigo apesar de ter os lábios finos apertados, num trejeito avaliador. Por entre as feições pálidas, de um azul celeste, havia traços das gentes das Florestas de Eilavan, no Mundo Conhecido. Era pouco provável que qualquer ser vivente naquele lugar a reconhecesse como sua igual, nunca por detrás daquele tom de pele não natural, nem com um nariz esticado com um implante que o fazia parecer um bico, nem pela plumagem que lhe saía da cabeça como uma coroa. Talvez tivesse nascido no Continente, mas agora estava marcada como escrava dos Kern, o clã que clamava a região do delta do sul como sua terra natal e que tinha a garça azul como divindade totémica.

Mais bela do que uma garça, pensou Mór, odiando-se imediatamente por ter voltado a pensar naquilo, tal como em muitas outras ocasiões. Era tão frustrante que as torturas por que os auldek os fa-

ACÁCIA

ziam passar fossem também mudanças que aprendiam a amar. Afastou o olhar da mulher.

Skylene aproximou-se. Abraçou o pescoço de Mór. Encostou o corpo de pequenos seios contra as costas da amante.

— Não lhe devias ter batido assim — disse.

— Eu sei.

— Ele pode ser-nos útil. Yoen e os outros anciãos disseram...

— Estás aqui para me ralhar?

Skylene pegou no queixo de Mór com os dedos e virou a cabeça desta para si. Inclinou-se e beijou-a na boca. Mór entregou-se-lhe, ávida dela, pensando, por instantes, em nada mais a não ser no sabor dos lábios da amante e no toque dos seus dentes. Enfiou a língua entre eles e sentiu-se inundada de prazer.

Skylene afastou-se, demasiado cedo. Passou os dedos pela testa e sobre os tufos que lhe saíam do alto da cabeça.

— Não, estou aqui para te dizer que ele está outra vez acordado e razoável. Deixei lá o Tunnel. Parece que gosta de falar com ele.

— Isso não o ajudará em nada a recuperar — replicou Mór, ironicamente. — Interrogaste-o?

— Ele conta uma história estranha. Diz que foi traído. Afirma que vinha como enviado da irmã, a rainha. Diz que os homens da Liga o acorrentaram. Diz que eles envenenaram os Lothan Aklun e que tentaram fazer um novo acordo com os auldek. Afirma ainda que a Liga o ia entregar aos auldek, mas então aconteceu qualquer coisa e os numrek traíram-nos a todos. Isto parece ajustar-se ao que eu vi. Ouviste aquilo que os vigias disseram sobre as águas. Não se avista um único barco Aklun. Seja o que for que tenha acontecido...

— O que terá acontecido é ainda um mistério. Nada faz sentido por agora. Os numrek... O que fazem esses malditos aqui novamente?

Skylene não discutiu nem respondeu à pergunta.

— O Dariel diz que nunca apoiou a Quota. Diz que ia encontrar um modo de acabar com isso, de negociar com outras coisas... não com escravos.

Mór encostou a cabeça ao peito de Skylene.

— Agora trata-lo pelo nome próprio? Não me digas que acreditas nele. Quantos anos estiveram eles a vender-nos como escravos? Quantos milhares de pessoas morreram? Gerações inteiras, e ele es-

pera que acreditemos que o primeiro Akaran que apanhamos desejava apenas libertar-nos. Eles mentem melhor do que tu, Skylene. Não te deixes enganar.

— O Tunnel gosta dele — proferiu Skylene após um momento de silêncio. — Já pensa que ele é Rhuin Fá.

— Com base em que factos?

— Baseado no facto de ter vivido toda a sua vida à espera disso. Tal como todos, Mór. Tal como todos nós.

— Eu cá não.

Skylene apertou-lhe carinhosamente o ombro e afastou-se.

— Isso dizes tu. Não tenho assim tanta certeza. Por vezes penso que rezas pela vinda de Rhuin Fá mais do que todos nós. — Antes de Mór responder, Skylene deu um estalo com a língua. — Da próxima vez que o vires, guarda as tuas garras. Tens de te lembrar que não és uma anciã. És apenas um agente que eles escolheram. Não podes magoar este homem sem autorização deles. Fazeres isso condenar-te-á tanto quanto a ele. Nós temos de falar com ele. Fala e conta a Yoen o que descobrimos. Deixa ser ele e os outros a decidirem o que fazer.

— Não sou uma criança — replicou Mór.

— Não, és uma líder brilhante e corajosa, que por vezes fica fora de si.

Mór fechou os olhos. *Nem sempre fui assim. Nem sempre.*

Naquele dia, no apanhador de almas — cujo nome e objetivo ela só compreenderia mais tarde — não fora certamente uma líder corajosa. Era uma simples criança encostada a uma parede por ordem da mulher de orelhas grandes. Mór olhava perplexa em volta de uma sala que não conseguia compreender para que servia. Havia homens e mulheres Lothan Aklun a andar de um lado para o outro, todos vestidos de longas túnicas largas que arrastavam pelo chão de pedra branca. Eram todos magros. Não tinham corpo de trabalhadores. Andavam ocupados com tarefas que, pensava Mór, nada tinham a ver com ela e com Ravi. Andavam de um lado para o outro, conversavam entre si e pressionavam com as mãos os painéis de pedra existentes na sala. Pelo menos, ela pensava que a substância era pedra. Tinha a dureza da pedra, e as paredes e os outros objetos na sala

ACÁCIA

eram todos do mesmo material. No centro da sala oblonga havia dois retângulos erguidos, parecidos com camas, mas tão lisos e frios que ninguém conseguiria dormir ali. Um pouco mais acima, havia dois outros retângulos semelhantes, maiores, dependurados do teto.

Os Lothan Aklun ignoravam-nos tão completamente que, por um curto espaço de tempo, estremeceu à ideia de que se teriam esquecido dela. Ainda dava a mão a Ravi. Não poderiam eles fugir? A porta estava aberta. Pressentia que Ravi pensava o mesmo, via que a excitação se apossara também do irmão e lhe fazia tremer os dedos. Estava ali mesmo, a luz do dia, a brilhar lá fora.

Ravi agiu. Agarrou-lhe com força na mão, quase a magoando, e puxou-a. Tal como ela pensara; correram para a porta. Estavam quase a chegar lá, faltavam poucos passos. Os Lothan Aklun não repararam. A mulher que os escoltara até ali encontrava-se de costas voltadas para eles. Mór não se lembrou sequer no que fariam lá fora, só pensava em sair dali a correr. Correr. Correr.

De súbito, o vulto de um homem enorme cortou a luminosidade do dia que entrava pela porta. Caminhou com passos pesados sobre as lajes. Os irmãos pararam abruptamente. Ravi caiu e largou a mão da irmã. Mór nunca vira um homem tão alto, com pernas e braços tão compridos e um tronco tão musculado que parecia esculpido em pedra. Apesar de vestir apenas um saio preto curto e ter cabelo comprido, caindo em tranças, como os candovianos, parecia um guerreiro pronto a matar. Tinha os punhos cerrados, como que ávidos das armas que deveria agarrar. Possuía uma força obscena — era assim que ela se lembraria — e, no entanto, ela não conseguia desviar o olhar. Tratava-se de um corpo talhado para a guerra, desenhado só para esse propósito e mais nenhum. Era um auldek, viria a saber mais tarde.

Mór pensara que ele tinha entrado na sala para os impedir de sair, mas era visível na expressão de interesse casual no rosto do homem que estava surpreendido por ver as crianças debatendo-se a seus pés. Entraram então vários outros homens do mesmo arca-boiço, seus companheiros, tagarelando uns com os outros enquanto entravam. Enquanto ela ainda recuava, atónita, os Lothan Aklun precipitaram-se e agarraram Ravi, arrastando-o com uma força maior do que ela imaginara que teriam para um dos retângulos em pedra. Mór olhava de Ravi para os auldek e destes para Ravi. Assim, viu os

Lothan Aklun amarrarem o irmão ao retângulo de pedra que parecia uma cama. Viu-o debater-se para se libertar. Viu que, uma vez preso, a caixa retangular dependurada do teto começou a descer sobre ele. Ouviu-o gritar o seu nome antes de a cobertura em pedra tocar no chão, cobrindo-o completamente e o grito se perder. Passou um momento e os Lothan Aklun afastaram Mór do caminho dos auldek. Mór foi novamente atirada contra a parede e gritou. Ravi encontrava-se dentro daquela caixa. Da pedra pálida e fria. De contornos aguçados.

O auldek sem camisa trocou algumas palavras com os Lothan Aklun ali presentes. Parecia que queria ver o que se passaria debaixo da pedra que cobria Ravi, mas eles não lho permitiram. Em vez disso, um deles apontou para Mór. O homem falou numa língua gutural que ela não entendia. Ficou completamente sem respiração quando o auldek se virou e olhou para ela. Ele aproximou-se. Estendeu uma mão e tocou-lhe no queixo. Ela encolheu-se, mas o homem agarrou-a e puxou-a até ele. Pegou-lhe no rosto fazendo-a olhar para cima e estudou-lhe as feições, mesmo enquanto ela o fitava. O rosto do homem era como uma máscara, rígida e dura, com olhos tão inescrutáveis como os de uma cobra. Então, sorriu e disse qualquer coisa que provocou o riso aos companheiros.

Soltou-a, deu uma reviravolta e subiu para a segunda placa em pedra. Deu uma palmada nos lados da plataforma, como que para apressar os Lothan Aklun. Os outros auldek afastaram-se para um ponto da sala, para onde os Lothan Aklun lhes apontaram, indicando que esperassem. De novo os Lothan Aklun se começaram a atarefar. A caixa de pedra sobre o auldek em breve descia também, cerrando-se sobre este e silenciando as últimas observações que este gritara.

Mór estava atónita, esfregando as mãos ansiosamente uma na outra. Recordava-se do momento, mas não do que sentira. Era um espaço em branco em que o movimento frenético das suas mãos e tudo o que ia vendo pouco lhe diziam. Ravi estava num caixão de pedra. Agora, sabia porquê, mas que teria ela pensado na altura? Irritava-se profundamente por não se conseguir lembrar e por saber que o que quer que Ravi tivesse enfrentado fora enfrentado sozinho, enquanto ela permanecia ali, esfregando nervosamente as mãos.

O momento passou. Não houve ruídos, nenhuma explosão de luz, nenhum rugido, não correu sangue nem confusão. Talvez tivesse

ACÁCIA

havido um som cavo que ela sentira passar pelos pés, algo como que uma melodia, mas nem sequer tinha a certeza disso. Viu a cobertura sobre o auldek erguer-se. Os Lothan Aklun apressaram-se até ele. Quando se afastaram, alguns instantes depois, o gigante rolou para fora da plataforma. Firmou-se nos pés e soltou um urro. Ergueu um punho, com um sorriso a despontar-lhe do rosto. Esta igual, mas agora a pele brilhava-lhe como se tivesse uma luz a arder no peito que o iluminasse por dentro. Os outros auldek rodearam-no, muito animados, dando-lhe palmadinhas. Os Lothan Aklun continuaram atarefados, fosse lá o que fosse que estivessem a fazer, voltando as costas aos auldek como se já não estivessem ali.

A outra caixa — aquela onde se encontrava Ravi — permanecia fechada. A menina nunca mais viu o rosto do irmão nem o que restara dele depois de a sua alma lhe ter sido sugada e implantada no auldek. Pois fora isso que acontecera. Só viria a compreender tudo aquilo tempos mais tarde, quando Yoen lhe explicara tudo ao seu modo de ser honesto e bondoso. Era por isso que agora sabia a verdade. Era por isso que a sua mente tivera de aceitar o que o seu espírito lhe dissera já. Ravi não desaparecera ainda; vivia prisioneiro no corpo de outro ser.

Havia uma outra coisa de que tinha a certeza. Nunca esquecerá o nome do auldek que recebera a alma do irmão. Ouvira-o dizer aos Lothan Aklun e percebera que era um nome: algo diferente do resto das palavras estrangeiras.

Devoth. Chamava-se Devoth. Um dia encontrá-lo-ia, apanhá-lo-ia desprotegido. Depois, matá-lo-ia e libertaria a alma do irmão.

CAPÍTULO

VINTE E OITO



De pé nos seus aposentos privados enquanto as criadas a arranjavam para o banquete da Lua Sangrenta, Corinn meditava na estranha carta que recebera da irmã. Agradava-lhe saber que Mena fora encontrada com vida e bem de saúde. Contudo, Corinn não dava importância ao tom de mistério irreverente que perpassava na mensagem que Mena lhe enviara para Acácia através de um pombo-correio. Dizia simplesmente: *Encontraram-me, irmã. Está tudo bem. Tenho asas! Em breve voarei até ti. Olha para o céu.* O que queria aquilo dizer? Talvez Mena tivesse afinal sofrido uma lesão grave, na cabeça. Mesmo que continuasse lúcida, Corinn não gostava do ar triunfante da mensagem. *Está tudo bem.* Nunca, segundo a experiência de Corinn de governo, estava tudo bem. Mena poderia ter tratado de todas aquelas aberrações, mas existiria algo mais a ocupá-la em breve. Teria de demonstrar isso à irmã quando esta voltasse.

— Por favor, senhora — pediu a criada franzina que a auxiliava a vestir-se — podeis levantar os braços?

A rainha assim fez e a criada passou-lhe a túnica em redor do corpo e prendeu-a. Tecnicamente, a túnica era uma versão do traje que a tradição ditava que vestisse no banquete da Lua Sangrenta, que celebrava a repressão e domínio do quinto rei — Standish — da primeira revolta nas minas de Crall. Um ato cruel, embora louvado pelas crónicas. Corinn mandara a costureira talhar o vestido de forma a delinear os contornos do seu corpo, tal como fizera a todos os seus

outros vestidos. Isso alterara consideravelmente o aspeto do traje. Corinn mal conseguiria comer ou beber qualquer coisa no banquete, tão apertado era o corte, mas isso era pouco importante. O vestido castanho-avermelhado realçava-lhe os seios e o tronco, a cintura fina e as ancas, causando um efeito espantoso, uma combinação perturbadora de antiga autoridade e beleza sensual.

As palavras da irmã não eram as únicas escritas por um dos irmãos que rodopiavam na cabeça de Corinn. Passara também parte da manhã com vários livros abertos sobre as grandes mesas de madeira da biblioteca. Dirigira-se à biblioteca, como muitas outras vezes, para ler na solidão daquela sala sobre os antepassados: Edifus, a lutar como um lobo pelo domínio numa matilha de adversários ferozes; o filho, Tinhadin, que reforçara o legado vacilante do pai com um domínio tão perfeito da fala dos deuses que acabara por temer a possibilidade de pronunciar as palavras durante o sono e acordar perante um mundo diferente; a rainha Rabella, quatro gerações depois de Tinhadin, que subira ao poder e o mantivera até à morte, sem nenhum rei para a dominar. Sobrevivera a seis companheiros, mas nunca consentira em casar. Uma mulher inteligente, pensava Corinn, e um exemplo documentado para atirar contra os sedentos de poder que queriam casar com ela para alcançarem ao trono.

Lia aqueles velhos textos para tentar compreender quem tinham sido realmente os seus antepassados, como haviam conseguido ter êxito, e o que lhe poderiam ensinar. Era uma ironia do destino, mas cada vez procurava mais orientação naqueles antepassados há muito mortos, enquanto escondia os seus pensamentos dos que a rodeavam no dia a dia. Procurava também pistas sobre os Santoth. Apesar de encontrar bastantes passagens sobre eles, nunca sentia que os compreendia melhor. Permaneciam figuras na sombra, como seres que habitavam os limites da sua visão periférica.

No entanto, naquela manhã, foi um novo livro, sobre o seu irmão Aliver, que lhe chamou a atenção. Era estranho ler palavras que seriam supostamente dele. As transcrições dos seus discursos tinham um toque da mesma formalidade que existia nos textos antigos. Embora o livro pretendesse transcrever as palavras de Aliver, manifestava-se nelas o labor das mãos dos sábios. Raramente reconhecia nelas o irmão que conhecera. Todavia, claro que ela não chegara a conhe-

cer aquele Aliver adulto, aquele príncipe guerreiro que liderara um exército e incitara os povos à revolta.

Quanto ao conteúdo? Oh, que sonhos. Que moral! Refaria o mundo como se este fosse mero barro húmido que ele moldaria com as próprias mãos. Acabaria com a Quota. Varreria a Liga dos Navios da face da terra. Abriria mão do domínio Akaran e deixaria que todas as nações se governassem. Livres e iguais. Parceiros na obra do mundo. Como poderia ele ter pensado que tal idealismo sobreviveria um instante na fúria da vida real? Demonstrava uma insensatez de primeira ordem. O facto de tantos o terem seguido apenas servia como prova disso. Enfim, a loucura dos insensatos.

O Rei da Neve, assim o designava o texto. Corinn não conseguiu evitar escarnecer. Recordava-se da noite em que Aliver assim se proclamara. Será que os sábios nos seus gabinetes e os camponeses nas suas cabanas, ao contarem histórias sobre o Rei da Neve não compreenderiam que Aliver não passava de um rapazito a falar sobre uma batalha com bolas de neve quando proferira aquele nome? Apesar de, por vezes, o idealismo dele tocar algo no seu íntimo, Corinn não conseguia esquecer a realidade das coisas o tempo suficiente para ceder ao seu encanto. Havia uma diferença, pensava Corinn, entre as palavras nos livros e o modo como se tem de agir no mundo. E ela não tinham qualquer intenção de o esquecer.

Quando Rhrenna se abeirou dela, estalando a língua em louvor pelo aspeto de Corinn, a rainha virou o pensamento de volta à carta que ainda tinha nas mãos.

— O que achas tu disto?

Rhrenna pegou na mensagem e deu-lhe uma vista de olhos, embora já a tivesse lido.

— Parece muito contente consigo própria. Faz-me pensar se...

— Senhora, inclinaí-vos para a frente, por favor.

Corinn fez como lhe pediam. Tinha piada que uma cabeleireira por vezes lhe desse ordens num tom que generais, senadores e soldados nunca se atreveriam.

— Faz-te pensar em quê? — inquiriu Corinn.

Rhrenna apertou os lábios finos.

— Não sei se poderemos dar crédito a isso, mas Sinper Ou enviou-nos uma mensagem dizendo que Mena capturara a última aberração em vez de a matar.

ACÁCIA

Corinn precisou de uns instantes para responder. Aguardou que a cabeleireira acabasse o entrançado em volta da sua testa. Este dolorosamente elaborado, mas a rainha apreciava uma certa dose de desconforto quando se encontrava em funções oficiais. Impedia-a de se descontraír, o que era útil.

— Por que faria ela isso? — perguntou, quando a cabeleireira lhe deixou a cabeça em paz.

Rhrenna encolheu os ombros.

— Não sei. Tal como disse, não temos razões para dar acreditar nisto. As pessoas gostam de inventar histórias sobre a vossa irmã. À menor oportunidade, embelezam as coisas.

Corinn resmungou em concordância.

— Maeben na terra, não há dúvida.

— Sim, bem... vim para vos anunciar que o rei Grae acabou de chegar.

— Ah sim?

— Uma visita de surpresa, pelos vistos. Pediu para assistir ao banquete. Como observador, diz ele. Basta-lhe ficar de lado a observar.

— Por que veio ele?

— Não disse. Talvez para se pavonear com as suas sardas e a covinha no queixo. — Rhrenna sorriu. — Não é nada de se deitar fora.

Corinn não se recordava. Vira-o algumas vezes desde que ascendera ao trono, mas contentara-se em o manter à distância. Lembra-se de que ele era próximo do irmão, Igguldan, e havia nisso algo lhe desagradara.

— Pode assistir — disse a rainha —, mas coloca-o numa mesa distante. Mesmo um rei deveria ter-nos avisado com antecedência da sua chegada.

— Como quiserdes — respondeu Rhrenna —, apesar de eu própria ter talvez de ir para as mesas mais distantes. — Sorrindo, afastou a criada que acabara de erguer a elegante coroa de Corinn. Ela própria a colocou no lugar. Era em ouro branco e trabalhada em delicados ramos, com um rubi incrustado no centro, tão escuro que parecia negro. A realeza acaciana usava coroas ocasionalmente, embora pudesse de igual modo mostrar a sua posição com colares, brincos ou braceletes, e até com roupa num estilo que há séculos era feito só para eles. Porém, Corinn preferira esta peça desde que o joalheiro lha

mostrara pela primeira vez. O ouro possuía uma textura algo áspera e a pedra parecia encerrar segredos no seu âmago.

— Aí está — disse Rhrenna, recuando e observando Corinn como se tivesse sido ela própria a operar a transformação. — Sois cruel, Corinn. Tereis todos os homens a morrer de desejo e todas as mulheres doentes de inveja. Pelo menos, a maior parte delas. Algumas também poderão ficar doentes de desejo.

Quando Corinn chegou ao pátio ao ar livre, cheio de gente, no qual o banquete já começara, lembrou-se vagamente de que outrora, na adolescência, adorara as intrigas da corte. Nessa altura nada mais lhe importava que as manobras para tentar ganhar favor e estatuto entre os seus pares. Rapazes belos, donzelas rivais, os olhares prolongados dos homens mais velhos, a lisonja solícita; quem derrotara quem nos recintos de treino, quem tinha os vestidos mais belos e como todas essas coisas haviam sido, durante algum tempo, a própria essência da vida. Quão estranha lhe era agora essa rapariguinha chamada Corinn. Que loucura que o pai a tivesse deixado viver nessa ilusão tanto tempo quanto o fizera.

Contudo, o que estarei eu a fazer de diferente?, pensava a rainha, enquanto ia acenando e sorrindo, aceitando os beijos na mão que lhe davam. Eis-me novamente a caminhar por um labirinto de ilusões, um que eu própria construí. Talvez numa noite igual a esta algum lunático furioso vindo dos confins do mundo me ataque, tal como aconteceu ao meu pai. Ou como aconteceu a Aliver. É um jogo de loucos, mas que escolha tenho eu? Fechar-me no palácio ou em Calfa Ven com Aaden? Esta ideia até lhe agradava bastante, mas de nada serviria. E talvez fosse a decisão mais perigosa de todas. Não, pensava ela, é melhor que veja primeiro onde estão as serpentes do que dar por mim a pisá-las. Pelo menos desta forma posso eliminá-las.

Movia-se por entre a multidão com um distanciamento frio, guiada por um bando de aias que a ladeavam tão persistentemente quanto os seus guardas numrek. Ao contrário dos guardas taciturnos que, reparara ela, se tinham tornado mais sombrios nas últimas semanas, quase como se estivessem desagradados com o trabalho que faziam, as aias constituíam um grupo alegre. A corte era uma galáxia

ACÁCIA

de muitas constelações. Corinn dominava todas elas, mas perante ela pairavam representantes de todo o império — príncipes, irmãos e irmãs mais novos-ricos, príncipes e princesas tribais — cada um o sol do coração de um aliado, cada um rodeado pelos seus próprios assistentes. E por entre todos eles andavam os ambiciosos e arrogantes: senadores e nobres, Agnates, latifundiários, construtores navais e homens da Liga, amantes e concubinas, guardas e seguidores. Babiladores, todos. Mentirosos, a maioria. Alguns amavam-na, mas ela desconfiava que isso seria de certo modo uma fraqueza deles.

O seu espírito só se atinha às coisas quando sentia necessidade de calcular, estudar alguma coisa, observar alguém em particular para perceber o que a poderia trair em momentos de descuido. Sentou-se na cadeira preparada para ela, um trono sobre um estrado, com uma mesa baixa repleta de comida à sua frente, algumas cadeiras dispostas ao lado para os escolhidos, os bafejados pela sorte, o bastante para passarem parte da noite com ela.

Quando um sacerdote de Vada lhe murmurou ao ouvido, Corinn contemplou a sala. Por vezes até ela se surpreendia ao perceber que a sua consciência do que se passava realmente à sua volta estava tão em desacordo com a aparência das coisas. À superfície, encontrava-se sentada um pouco acima de um grupo de pessoas, suntuosamente vestida, sorrindo, alegre. O recinto encontrava-se iluminado pelas tochas. Estas estavam enfiadas em tubos altos de vidro que afunilavam o fumo que ia saindo acima dos convivas e espalhando uma luz azulada e vermelha, com toques de amarelo e verde, dependendo da tinta com que o vidro fora pintado. Os músicos, alinhados junto das paredes e varandins que circundavam o salão, tocavam melodias que pairavam de um lado ao outro do recinto, como um coro de aves canoras. Por toda a parte havia rostos sorridentes, risos, conversas, galanteios e namoriscos; por entre os convivas, os criados atarefavam-se trazendo comida e bebida em abundância vinda diretamente das cozinhas do palácio. Num pequeno recanto, alguns atores seduziam os convidados para dançar. Descobriu Aaden a brincar com os amigos. Eram como peixinhos prateados a nadar por entre os adultos num complicado jogo da apanhada... E, lá no alto, o céu noturno, sereno e límpido, luzia repleto de estrelas a brilhar enquanto o sol se punha lentamente a ocidente.

Como se tudo aquilo não bastasse, Corinn tecera um feitiço do

livro *A Canção de Elenet*, uma pequena obra da sua criação que encantaria algumas horas antes de se desvanecer. Era uma suave euforia solta no ar do pátio, que circulava, invisível, algo que fazia com que os convivas se sentissem especialmente atraentes, que as piadas eram particularmente bem acolhidas, que a luz tivesse mais brilho e que a comida e a bebida tivessem um sabor ainda mais requintado. Assim se passava mais uma noite festiva em Acácia, o que poderia ser mais agradável? Ela nunca demorava muito tempo a descobrir as coisas que se esgueiravam, ocultas, sob a superfície, parasitas a trabalhar apesar dos prazeres da noite.

Delivegu fê-la lembrar-se disso. Descortinou-o a conversar com um grupo das minas de Prios. Como teria ele entrado e o que aqueles homens julgariam que ele era, Corinn não fazia ideia, mas, estranhamente, ficou contente por o ter à mão. Os olhos dos convivas, que se iluminavam em sorrisos quando tocavam os dela, eram enganadores. Sentia aqueles mesmos olhares tornarem-se malévolos mal ela deixava de os olhar. Bem via quando a conversa era amável e quando as palavras murmuradas eram desagradáveis para com ela. Reparava nas pequenas coisas para mais tarde as analisar. O senador Saden, enquanto arengava para a mulher a seu lado sobre qualquer coisa, evitava estabelecer contacto visual com um especulador de terrenos de Alyth recém-enriquecido. O homem, que, entretanto, passou por ele, poderá ter-lhe murmurado qualquer coisa, mas Saden não pareceu dar por ele até os dois se encontrarem a alguma distância. Então, olhou para trás e trocou um olhar cúmplice. Estariam a congeminar alguma traição mesquinha? Provavelmente. Pediria a Rhrenna que tentasse saber o que se passava, mais tarde.

Corinn desviou o olhar de Saden para ir reparar num homem novo que se encontrava ao fundo do pátio, quase no alto da escadaria que levava aos terraços mais baixos do palácio. Ladeavam-no vários homens, com aquele ar duro de guardas treinados. O cabelo do homem, de um ruivo aloirado, estava despenteado como se um irmão mais velho o tivesse desordenado com a mão, mas o rosto — que Corinn pressentiu bonito, apesar da distância — contemplava a multidão com garbo e confiança.

— Quem é aquele? — perguntou Corinn, apontando com o queixo.

A aia respondeu que se tratava do rei Grae, de Aushenia. A

ACÁCIA

mulher explicou então que o rei deveria ter sido anunciado com maior formalidade, mas chegara há poucas horas e pedira para assistir ao banquete nessa noite, nem que fosse só para ver a corte a partir de...

— Eu sei — retorquiu Corinn. — Manda-o chamar. — Olhou de relance para o sacerdote, sorrindo. — Tenho a certeza de que o Vada oferecerá o seu lugar a um rei estrangeiro.

Enquanto observava o mensageiro enviado pela aia a percorrer o caminho por entre a multidão, Corinn interrogou-se porque teria feito aquilo. As palavras tinham-lhe escapado sem ter pensado nelas. Ainda há pouco manifestara a Rhrenna a sua indiferença para com Grae; agora, estava a mandar chamá-lo após um mero olhar. A mulher do Mein arranjará maneira de a gozar por causa disto, tinha a certeza. Porém, agora estava feito, pelo que se deixou estar sentada, muito direita, e aguardou, fazendo questão de não observar a conversa entre o mensageiro e o rei.

E num instante, antes que ela se desse conta disso, uma aia anunciou-lhe ao ouvido que o monarca estava ali. Corinn olhou para as escadas que levavam ao estrado do trono e ali estava ele, de cabeça baixa numa vénia. Não ostentava nenhuma coroa sobre o cabelo desalinhado, mas aquela era uma reverência aceitável no coração do império. De facto não se parecia tanto com Igguldan quando Corinn o conhecera, anos atrás, mas ver Grae frente a frente teve mais impacto nela do que esperava. *O primeiro amor*, pensou. Fora isso. Loucura. Ao pensar nisso, arrependeu-se de o ter chamado. Que emoções transpareceriam no seu rosto, se pensasse em tais coisas, ali, com os olhares de toda a corte postos nela? Porém, nada mais poderia fazer agora do que continuar, com toda a compostura.

O ausheniano endireitou-se. Com que então era alto. Tinha um corpo esbelto, de ombros largos. Usava a túnica larga da sua nação, aberta na gola, revelando parcialmente a musculatura fina do peito, de um moreno acobreado, coberto de pelos.

— Vossa majestade — disse ele, sorrindo — Sinto-me honrado. Não desejava incomodar-vos, apenas desfrutar um pouco desta maravilhosa festa lá do canto.

Ah, aquele sotaque ausheniano. Ouvira-o tantas vezes, ao longo dos anos, mas exercia ainda um estranho efeito nela. Emanava poesia

tanto nas tonalidades mais vigorosas como na entoação mais suave. Sentiu que estaria prestes a corar, mas dominou-se.

— Não ficaria bem termos um rei sentado entre a classe dos mercadores. Há tão poucos reis notáveis nestes tempos. Não poderia deixar de vos pedir que vos sentásseis a meu lado. Por favor.

— Deixais-me muito honrado. — Ele beijou-lhe a mão e depois sentou-se na cadeira recentemente desocupada pelo sacerdote. O rosto de Grae recordava-lhe perigosamente o de Igguldan, era apenas ligeiramente mais masculino, com um queixo um pouco mais firme e as maçãs do rosto mais acentuadas. Até as sardas contribuía para o efeito, como se tivessem sido aí deixadas intencionalmente. Era um homem muito bonito. Corinn admitiu que Rhrenna tivera razão em relação a isso.

Grae passou alguns momentos a proferir as habituais saudações respeitadas, depois ficou sentado a sorrir, observando os convivas à frente deles.

— Vossa majestade — disse —, fico sempre maravilhado pelo espetáculo de um banquete acaciano. Só por si, a comida é uma maravilha. A música, cativante. Os convivas tão dignos e corteses. As mulheres são as mais belas que vi no mundo.

— Haveis feito um inquérito exaustivo sobre a beleza no mundo?

— Viajei bastante, e tenho olhos para ver.

Com certeza que tens, pensou Corinn. Aquele género de olhos azuis pelos quais as adolescentes desmaiam.

— Contai-me então as vossas descobertas.

Grae riu-se e fez um gesto com os dedos como que para afastar o assunto.

— Falo a sério, senhor. Contai-me.

Ela insistiu até Grae começar uma descrição algo desajeitada sobre as raças do império e as qualidades das mulheres dos vários povos. De início atrapalhou-se um pouco, mas, vendo o bom humor de Corinn, em breve começou a brincar com o assunto. A meio da conversa, Corinn acabou por dizer, à laia de piada, que ele parecia ter encontrado beleza por toda a parte para onde tivesse olhado. Ele não o negou, mas, no final, acabou por voltar ao ponto de partida. Concluiu que a beleza acaciana era superior porque continha muita da que existia no mundo.

ACÁCIA

— Contém todas as virtudes das raças e nenhuma das falhas. A vossa beleza, minha rainha, é a do centro do mundo.

Corinn franziu as sobrancelhas, cética.

— Deveras? — A rainha pegou numa taça de vinho que um criado lhe servia. Grae fez o mesmo. — Onde está o vosso irmão? — perguntou ela. — Ouvi dizer que viajais juntos frequentemente.

— Viajamos, de facto — retorquiu Grae. — Mas ele está a estudar técnicas agrárias no Continente. O meu irmão mais novo gosta muito de ser aplicado.

— Conheço o género. Haveis sido íntimo dele quando eram mais novos?

Grae concordou que sim. Por insistência de Corinn, contou-lhe várias histórias da juventude, quando se encontravam escondidos, na região longínqua no norte de Aushenia. Era uma região verdadeiramente selvagem, assim a descrevia ele, talvez por ainda a imaginar com o olhar assustado de uma criança. Ela conseguiu imaginar aquelas montanhas, as florestas densas, os ursos brancos, as tempestades de neve e os enxames de insetos tão grandes como bandos de aves migratórias.

— Não podíamos ficar escondidos eternamente — prosseguiu Grae. — Por isso, acabei por ter de regressar ao mundo. Porém, era um mundo em que nem o meu pai nem o meu irmão mais velho viviam já. Um mundo em que a minha nação estava dominada por estrangeiros, despedaçada, servindo de pátio de recreio para os numrek. Tempos difíceis. Felizmente ficaram para trás.

— Não haveis pelo meu irmão, pois não?

— Por Aliver? — Grae ficou pouco à vontade, mas dominou-se e respondeu com aparente sinceridade. — Não, não lutei, mas tê-lo-ia feito. Orgulhosamente, teria combatido por ele. Quando ele preparava a batalha contra Maeander, em Talay, estava eu a lutar pela vida da minha nação. Combati o que restava dos numrek nos meus territórios, expulsei os Mein e fechei o Estreito de Gradthic. Foram tempos sangrentos, e... Bem, diria que Aliver e eu combatíamos inimigos comuns, mesmo que não o tivéssemos feito juntos.

Corinn não comentou esta última observação.

— Confessai-me, quando dizeis que haveis lutado, o que quer isso dizer exatamente? Quer dizer, eu lutei contra Hanish, aqui mesmo, em Acácia, mas isso não significa que tenha vertido o seu sangue

com a minha própria arma. É a minha irmã que faz esse género de coisas, não eu. Mas vós, quando ides combater, sois vós que lutais ou dais ordens a outros para combaterem em vosso nome?

— A minha espada não é virgem — respondeu Grae. Corinn reparou num arroubo de arrogância contida. — Nunca mando homens para a batalha. Sou eu que os conduzo à batalha. Não me estou a vangloriar perante vós, majestade. Isso seria bastante inconveniente. Mas convido-vos a perguntardes a outros sobre o meu carácter. Penso que descobrirei que tenho boa reputação.

Sem dúvida, pensou Corinn. Ele tinha o aspeto de um líder de homens. Imaginava-o com armadura, empunhando a espada, altivo, inspirando outros a atos de bravura. Aparentemente, era o tipo de homem que tanto homens como mulheres seguiriam. Registou na memória a intenção de perguntar sobre a reputação dele, como o próprio Grae lhe sugerira.

Entretanto o banquete prosseguia. A determinada altura, Wren entrou. Corinn seguiu-a com o olhar durante algum tempo, e percebeu que já se viam os primeiros sinais da gravidez na cintura da rapariga, não demasiado notórios para que todos os vissem, mas estavam lá. *Senhora Wren, trazendo no ventre, secretamente, o filho de Dariel. O que pretendia ela? Delivegu soubera que a jovem pretendia anunciar a gravidez assim que o príncipe voltasse. Não confia em mim para me alegrar com as notícias, será isso?*, meditava Corinn. *Talvez seja mais perspicaz do que pensei. Hei de ver o que posso fazer contigo.*

Diferentes pratos iam sendo servidos de mesa em mesa. Os músicos tocavam. Em várias ocasiões, Corinn e Grae tiveram de se interromper para responderem a um brinde ou conversar um pouco com aqueles que tinham a audácia de se aproximarem do palanque real. A certa altura, um contador de histórias começou a narrar a história de como o rei Standish derrubara uma grande revolta e mantivera a paz no mundo, um conto fantasioso que Corinn sabia conter pouco de verdade. Lera bastante sobre as crónicas dos primeiros reis para saber quanto dos relatos oficiais diferiam das confissões do monarca por detrás do mito.

Corinn não escutava com grande atenção, pois Grae prendia-lhe a atenção. Este estava a elogiá-la pelos planos para a cultura equídea. Dizia que os aushenianos consideravam a sua tradição equí-

ACÁCIA

de parte do que influenciara o seu espírito independente. Imaginar uma ligação àqueles nobres animais no coração do poderoso império acaciano entusiasmava-o bastante. Ofereceu a perícia dos seus compatriotas, se Acácia precisasse. Corinn respondeu que talvez viesse a precisar, meio esquecida de que enveredara pelo ambicioso projeto a fim de manter ocupados os seus ambiciosos conselheiros.

Grae era quase demasiado divertido. Ela pressentia qualquer coisa nele, oculta, uma arrogância escondida atrás da fachada jovial. Não deixava de ser atraente — especialmente pelo autodomínio como ele a escondia — mas fazia-a pensar.

Talvez Corinn tivesse inalado demais do seu próprio feitiço, pois atreveu-se a perguntar:

— Rei Grae, por que motivos estais aqui, na verdade?

Grae afastou a taça dos lábios, a meio de um gole, entornando um pouco.

— Senhora minha?

Sentindo-se tão bem disposta como dava a entender, inclinou-se para ele e, sabendo que a posição lhe realçava os seios e que Grae tinha de fazer um esforço para não deixar os olhos desviarem-se para eles, perguntou:

— Nenhum homem vem até mim sem pretender qualquer coisa — nem mesmo um rei. O que pretendeis vós?

— Não tentarei esconder de vós a verdade — retorquiu Grae, perdendo um pouco a sua compostura por instantes. — Não o conseguiria, se tentasse. Sou vosso admirador. Fui sempre, mas... talvez tenha amadurecido bastante agora para o compreender.

— E haveis-vos tornado suficientemente corajoso para o expressardes, nem que seja vagamente?

Grae baixou a cabeça, mas manteve os olhos fitos nela.

— De bom grado serei mais específico, se vós...

— Se eu o desejasse? Bem, quero. Satisfazei-me então. — Corinn prolongou a última frase, abrindo os lábios e inclinando a cabeça num gesto sedutor. Ainda não sabia muito bem o que se passava com ela. Quando fora a última vez que namoriscara um homem? Havia séculos. Desde Hanish, mas que género de namorisco era aquele? Na maior parte da conversa, atacara-o com palavras mordazes. Que estranho método de cortejar. Não, não fazia olhinhos a um homem desde a adolescência, desde o tempo de Igguldán. Porém, conside-

rando que lhe parecera uma recordação dolorosa de início, Grae era a versão das mesmas coisas que admirara no irmão — uma versão viva, ali sentada a seu lado.

— Quereis mesmo saber? — perguntou ele. — Que seja totalmente franco? Isso não faz parte dos costumes aushenianos. Normalmente, teria de compor um poema...

— Que seria muito interessante, certamente. Componde-me um e recitai-mo mais tarde. Agora, contudo, sede direto.

O rei permaneceu um minuto perplexo como uma criança, depois encolheu os ombros e retomou o seu ar sedutor.

— Como deseardes, vossa majestade. Na verdade, vim com a esperança de vos poder cortejar, e, se os sinais fossem favoráveis, poderia propor-me a mim próprio em casamento. Com todo o respeito devido à vossa exaltada posição.

Ah... então ali estava. Pelo menos ele era sincero.

— Desejais que seja vossa esposa?

— Ficaria feliz se fizésseis de mim vosso marido, majestade. — Ele inclinou-se para ela. — Ouvi, sou um homem orgulhoso, gosto de lutar pela minha honra, de repelir um insulto. E Aushenia é uma nação orgulhosa. Mas também sou razoável. Vós, rainha Corinn, sois uma mulher... e uma governante... de imensa graciosidade e poder. Não vos surpreendereis que deseje ver as nossas duas nações unidas. Creio que tal não vos ofenderá. Haveis pedido para...

— Para serdes direto. Não, não, não me ofendo com tanta facilidade. E certamente não por me lisonjeardes assim, de um modo tão razoável. Haveis-me apanhado de surpresa, é tudo. Não fazia ideia de que um casamento comigo fosse tão importante para Aushenia.

— Oh, mas é, acreditai em mim. Pelo menos, tanto quanto eu represento Aushenia.

Corinn recordou-se então que um dia professara não gostar de olhos azuis. *Quem quer olhar para a água?*, brincara ela, provocando Rhrenna. Agora, dificilmente diria o mesmo, com os olhos de Grae fitando-a tão intensamente, tão refrescantes. E eram-no: a promessa de água fresca numa boca sedenta. Quase que se riu com a metáfora. Eram os aushenianos que gostavam de ser poetas. Deveria deixar isso a cargo deles.

— Sabeis bem que tal união não seria em termos iguais — proferiu ela, endireitando-se e falando com um tom de distanciamento

ACÁCIA

régio. — Absorver-vos-íamos. Não digo que não existissem vantagens nisso, mas já estivemos perto desse caminho, no passado.

— Bem o sei — retorquiu Grae, respondendo num tom de semelhante indiferença. — Sei também que haveis conquistado o coração do meu irmão antes do meu. Porém, isso não estava destinado a acontecer. Contudo, nós, os que ficámos, temos ainda a nossa vida para viver. Tanto o meu pai como o meu irmão desejavam uma união entre Acácia e Aushenia. Acontece muitas vezes as grandes ideias terem de ser adiadas. Os profetas originais são assassinados e caluniados. Muitas vezes, só conseguimos ver a sabedoria dos visionários em retrospectiva.

— E a visão retrospectiva da vossa rainha Elena? Ela não abençoaria a união que propondes, pois não?

Corinn não conseguiu ouvir a resposta. Alguém gritara, um berro rouco que não fazia sentido num banquete. Um segundo a seguir, novo grito — estridente e feminino — cortou o burburinho dos convivas e fez-se silêncio. Não durou muito, pois toda a gente começou a apontar para o alto, murmurando e soltando exclamações.

— O que se passa? — perguntou Grae. Olhou na direção para onde os dedos apontavam — a cada instante mais gente o fazia — e Corinn fez o mesmo.

Durante longos instantes Corinn não conseguiu acreditar no que estava a ver. Então percebeu que os seus olhos viam realmente o que pensara de início ser um enorme embuste. Compreendeu que não se enganara, tal como a multidão também o percebeu e a confusão se instalou. O que viu foi uma criatura alada, de asas enormes, iluminada por baixo pela luz das tochas, brilhando contra o negrume do céu noturno, descendo sobre os convivas. Tinha um corpo sinuoso, cabeça de réptil e uma cauda que abanava ruidosamente. Com as patas traseiras como que varria o ar e, por um instante, Corinn teve a certeza de que o monstro iria desabar sobre ela.

— Um dragão — murmurou, e percebeu naquele momento o quão velozmente a morte poderia tombar dos céus.

— Arqueiros — gritou Grae, de pé agora, protegendo Corinn.

Contudo, não havia ali arqueiros. Estes nunca participavam nos banquetes. Os convidados estavam proibidos de levar armas, e as únicas autorizadas eram as dos Marah da mais alta posição e as dos guarda-costas numrek. Ambas as forças saíram de junto das paredes

e empurraram a multidão, empunhando as espadas e gritando a toda a gente que abrisse caminho. Rodearam-na, empurrando Grae para um lado. Formaram uma barreira em volta da rainha com as espadas apontadas ao alto. O animal voou em círculos em redor deles algumas vezes. A certa altura Corinn pensou ver... mas não, não poderia ser.

Então, o animal pousou. Aterrou com as patas sobre as lajes do pátio com surpreendente leveza. Com um estranho movimento nos ombros e um estalido enrolou as asas. Com os olhos grandes e redondos pestanejando, contemplou os presentes e o súbito caos que causara. O animal erguia as duas finas patas dianteiras no ar, delicadamente, com as pontas das garras a tocarem-se e olhando de um lado para o outro com a energia nervosa de uma criança que desconfiava ter feito algo de tão maravilhoso como de repreensível, mas que aguarda que tal se confirme.

No meio da imobilidade, Corinn vislumbrou uma figura sobre o dorso do animal. Mena. Era a irmã que montava aquele monstro. Agora deslizava do dorso do bicho e punha os pés no chão, alegre e airosa. Trazia um sorriso de orelha a orelha, e, com os olhos fitos na irmã mais velha, perguntou, como se fosse a coisa mais natural do mundo:

— Recebeste a minha carta?



CAPÍTULO
VINTE E NOVE



☞ Mena sabia que correriam riscos, mas pensou que conseguiria ultrapassá-los com Elya. O céu da noite protegê-los-ia. Deixariam Melio e os companheiros no norte de Talay e sobrevoariam Bocoum, atravessando depois o Mar Interior. Aproximar-se-iam de Acácia por este lado, sobrevoando os penhascos por detrás do palácio. Sabia que o banquete da Lua Sangrenta estaria a decorrer, e que não seriam permitidas flechas. Não haveria armas entre os convidados e os guardas não seriam muito numerosos. Estivera muitas vezes presente noutros daqueles banquetes para o saber. De qualquer modo, os guardas apressar-se-iam a proteger Corinn antes de lançarem qualquer ataque. Calculava que isso lhe daria o tempo necessário para fazer uma entrada memorável que ficaria para sempre registada nas crónicas oficiais de Acácia.

Fora isso que planeara e foi desse modo que aconteceu: bastante confusão, gritos e brandir de armas, muita indignação, sim, mas nada que não tivesse esperado. A razão de achar tão importante fazer uma entrada assim era complexa e ela ainda não conseguira percebê-la muito bem. Mas tinha uma justificação para o gesto, que mais tarde deu à irmã, no início da manhã seguinte, quando Corinn a mandou chamar.

— O que é que foi aquilo? — inquiriu Corinn, à laia de saudação.

Quando estava longe de Corinn, Mena tinha dificuldades em lembrar-se da irmã enquanto criança, ou mesmo em pensar nela

como irmã. Via-a apenas como uma rainha algo distante e assustadora. Porém, quando se encontravam juntas, havia alturas em que Mena percebia que o franzir de lábios de Corinn era apenas um gesto de insegurança, típico nela quando sentia que a sua beleza não bastava para dominar a situação.

Mena preferia evitar que estas convocações oficiais fossem tão «oficiais» como Corinn provavelmente gostaria. Entrou na sala com um rosto amável e atirou-se para o cadeirão mais confortável. Espreguiçou-se e descobriu que tinha um bocejo na garganta que procurava libertar-se. Corinn observava-a, de pé, de braços cruzados e com uma expressão carrancuda de enfado mal disfarçado.

— Também gosto de te voltar a ver, mana — disse Mena, depois de o longo bocejo se ter extinguido. — Mal consigo acreditar que o Dariel viajou mesmo até às Outras Terras. Tens notícias dele?

— Não — respondeu Corinn. — Não, nem poderia ter. Para já não. Não há pombos-correio que sobrevoem as Encostas Cinzentas. Não teremos notícias dele até regressar às Ilhas Distantes. Mas serão apenas mais algumas semanas, se tudo correr bem. Serás logo informada quando se souber. Agora, qual foi a ideia daquele espetáculo noturno?

— Quem me dera que ele aqui estivesse. Pensei tanto nele, enquanto andava a caçar, tinha tanta vontade de o ver. — Interrompeu-se uns instantes, suspirou e por fim respondeu à pergunta de Corinn, mas no mesmo tom pouco solene. — Qual foi a ideia? Realmente, é uma pergunta engraçada. Quer dizer, imagina que um adulto fazia essa pergunta quando éramos meninas. — Deu um tom roufenho à voz — «Qual é a ideia disto, menina?» Tê-lo-íamos corrido às gargalhadas.

— Perdeste o juízo?

— Não, de modo nenhum — retorquiu Mena. — Pelo contrário. Ganhei algum juízo. Corinn, não tive intenção de te fazer sombra. Queria apenas que as pessoas vissem a Elya antes de ouvirem boatos sobre ela, que a vissem com os próprios olhos e percebessem como é dócil. A notícia deste prodígio já correu provavelmente meio império e estou feliz por isso. Quero mantê-la a salvo. Quero que todos os idiotas de arco em punho e com sonhos grandiosos de matar um dragão saibam que ela não é um alvo a abater. Ela está sob a proteção de — bem, da rainha de Acácia, não é? Diz lá que não a achas amorosa.

Tens de vir vê-la. À noite dormiu no pátio junto aos meus aposentos. É tão engraçado vê-la ali, ao lado dos utensílios domésticos. Devias ter visto a reação dela da primeira vez que viu um espelho...

— Não estás a dizer coisa com coisa — a irritação de Corinn ultrapassara ligeiramente a sua perplexidade. — Que raio de coisa é aquela?

— Aquela *coisa* é minha amiga. Ninguém lhe pode fazer mal. Nenhum mal. Tens de dar essa ordem. Emitir um decreto real. Para que toda a gente saiba.

Corinn ia começar a protestar, mas Mena acalmou-a adotando um tom mais sombrio na voz.

— Começámos isto ao contrário. Anda, senta-te aqui comigo. Deixa-me explicar-te tudo desde o princípio, e depois vem comigo para eu ta apresentar. Como deve ser, quero eu dizer, sem toda a confusão de ontem à noite.

Para alívio de Mena, Corinn só manteve a expressão irritada de lábios franzidos por mais alguns segundos. Depois mandou vir um bule de chá e sentou-se à frente da irmã enquanto a criada entrava com o chá. Quando a mulher as deixou com duas chávenas fumegantes, Mena começou a sua história.

Contou-lhe tudo tal como se lembrava. Corinn recebera todos os relatórios sobre os progressos da irmã na luta contra as aberrações, mas os relatórios eram secos, sem nenhuma emoção. Era essa emoção que Mena queria que Corinn entendesse. Queria que a irmã compreendesse o difícil que fora perseguir aqueles monstros, presenciar a sua malignidade e matá-los um a um. Talvez tivesse sido maravilhosamente habilidosa a fazê-lo. Talvez ela se tivesse arriscado e dado golpes fatais quando outros o poderiam ter feito em seu lugar, mas nada disso significava que o trabalho tivesse sido fácil, satisfatório, agradável, emocionante e outros disparates do género. Muito pelo contrário. O facto de ter um dom natural para matar era para ela um pesado fardo.

— Todos nós temos o nosso fardo — replicou Corinn. — Não duvidas de que fizeste o que era o mais correto?

Não, Mena não duvidava. Descreveu os abutres inchados e as criaturas predadoras, o leão com olhos no dorso, as cobras com patas, a monstruosidade que fora outrora um peixe e que se transformara numa bocarra devoradora. O monstro *tenten*, explicou, olhara-a com

ACÁCIA

uma malignidade diferente da de um mero animal. Fora transformado não só na sua forma e tamanho, como até no interior da sua mente.

— A língua do Doador é maligna — disse Mena. — Todos os traços da sua presença têm de ser eliminados.

— Estás enganada — retorquiu Corinn. — Não é a língua do Doador que é impura; é o modo como os Santoth a corromperam. Foi por essa razão que foram banidos, Mena, e os anos de exílio nada mais fizeram do que transformá-los em perigosos ogres. Se criaram aquelas aberrações, é porque eles próprios são aberrantes. Lembra-te, contudo, que se existe alguma verdade na história do Doador, começa com o deus a criar o mundo e todas as coisas boas que nele existem.

Mena fitou-a enquanto bebia o chá.

— Pareces agora ter mais certeza disso do que antes.

— Sei mais do que sabia. Estiveste longe, mas creio que ouviste falar da obra que realizei em Talay.

— Ouvi contar que fazias brotar água do chão onde quer que te agradasse. Não sabia o que pensar disso.

— Pensa que estive a aprender conhecimentos antigos. Feitiçaria, se lhe quiseres dar um nome, embora não seja tão entusiasmante como possa soar.

— Como? Quem te anda a ensinar?

— Aprendo sozinha através de textos muito antigos. Não fiques com esse ar assustado, Mena. Não fiquei mais louca do que aquilo que tu própria serás. Nem é perigoso. Pensa no caso como se eu... como se eu estivesse a estudar medicina ou música. Estou a aprender coisas que alargam o meu conhecimento em aspetos muito úteis.

— Mas fazer água jorrar de...

— A água jorra do solo o tempo todo. Não há nada de mais natural. Apenas ajudo a dirigi-la. Mas continua lá a tua história. É mais divertida do que os meus estudos de antigos feitiços.

Embora não tivesse a certeza que isso fosse verdade, Mena queria contar o encontro com Elya. Ainda não dissera o que queria dizer. Relatou o dia em que subira ao cimo da colina, olhara para o pomar e vira pela primeira vez aquela cabeça reptiliana. Algo no seu íntimo lhe dissera que aquele animal era diferente, mas o seu espírito tivera plena consciência disso na altura. Contou como a tinham perseguido, a ferido com setas de besta e tentado prendê-la ao chão com

cordas. Tinham causado rasgões naquelas maravilhosas asas. Não lhe era fácil recordar aquilo: nem o voo agarrada à cauda do animal nem a terrível aterragem, nem o avistar daquilo que julgara ser a criatura morta quando descera do penhasco para a examinar.

— Nem acredito como estive perto de a matar — confessou Mena. — Ordenei que a matassem quando ela nunca tinha feito mal a ninguém. Envergonho-me disso, agora.

Que alegria sentira, então, ao ver que o animal não tinha morrido! Que alegria ver como se curava depressa, como era dócil e como era engraçada. A alegria em sentir que criara um laço com o animal. Era por isso que Elya era tão importante. Não só por um animal de tal beleza e doçura a ter escolhido como amiga — a ela, Mena, a assassina de Maeben e de tantas outras criaturas. Não era apenas isso, mas, a presença do animal parecia infundir em Mena a bondade que dele emanava. Sentia aquela bondade no seu íntimo. Tornara-se parte dela, e tudo em relação ao mundo parecia melhor.

— Não sabes o quanto isso significa para mim — prosseguiu Mena. — Não viste aquelas aberrações, não as olhaste nos olhos como eu. Durante tanto tempo pensei neles, no que seriam, preocupada no que se poderiam vir a tornar. Corinn, alguns tinham tanta raiva em si, tanto ódio. O monstro *tenten* não era só um animal. Emanava um ódio como só os seres humanos são capazes.

— E por isso era uma abominação — replicou Corinn.

— A abominação é que foi a feitiçaria dos Santoth que os tornou assim.

Corinn ignorou a afirmação.

— Não se pode ter confiança no teu animal. Ele pode transformar-se em...

— Não! Não! Ela não se transformará — Mena afirmou-o com toda a convicção que conseguiu reunir. Claro que acreditava completamente naquilo, mas não era tudo o que sentia. Tivera um sonho de Elya a virar-se contra ela, com os olhos raiados de sangue e aquela expressão tão terrível de inteligência malévola. Porém, isso tinham sido apenas pesadelos, acreditava ela agora, memórias que tinham ficado daquilo que vira nas suas batalhas. Nada mais do que isso. E estava convicta ao afirmar:

— Elya é o que é, e isso é maravilhoso. Faz-me sentir bem. Há

muito tempo que não me sentia tão bem. Não me lembro sequer da última vez em que me senti... tão feliz. Tu lembras-te?

Ficou surpreendida com a pergunta, interrompendo a frase com que a pretendia completar. Olhou para a irmã ainda mais intensamente, compreendendo que Corinn fora mais infeliz do que ela, durante mais tempo, e em mais do que um modo. Nunca se apercebera bem disso, mas tinha agora a certeza.

Corinn não respondeu à pergunta diretamente.

— É absurdo.

Mena sorriu. Pelo menos, Corinn não o dizia com rancor.

— Talvez, mas, se assim é, gosto de coisas absurdas. — Recostou-se confortavelmente no cadeirão. — Que partes das nossas vidas não foram absurdas?

— O que pretendes fazer com o animal?

— Ficará comigo. Pelo menos, tanto tempo quanto ela quiser. Não é fardo nenhum, nem representa perigo. Come fruta. Só fruta. Tem as patas tão leves quanto as de um passarinho. Em breve toda a gente gostará dela.

— Não sei se poderei permitir isso — replicou Corinn. Pousou a chávena. — Quero dizer, aqui, no palácio. Poderá ocorrer algum incidente. Sei que gostas do bicho, mas deverias ter acabado com ele. Acabar com estas aberrações para sempre.

Mena olhou para a bandeja com damascos que se encontrava sobre a mesa e pegou num. Aquele era um assunto que não queria discutir. Na verdade, começara a desconfiar de que Elya poderia estar grávida. Não havia nenhum sinal concreto, apenas a sensação de haver o pulsar de outras vidas nas entranhas do animal. Talvez estivesse enganada. Como poderia Elya estar grávida se era a única da sua espécie que existia no mundo? De qualquer modo, seria melhor guardar essa possibilidade para si por enquanto.

— Não será por muito tempo — afirmou. — Voarei nela da próxima vez que for a Vumu. — Deu uma dentada no fruto e continuou a falar enquanto mastigava. — Decidi que é isso que quero fazer a seguir: ficar em Vumu durante algum tempo. Gostaria de voltar a ser sacerdotisa. Contudo, desta vez, mostrar-lhes-ei Maeben em paz. Dir-lhes-ei que olhem para os céus sem medo. Olharão e verão Elya e sentir-se-ão seguros. Gostaria de lhes conceder esta dádiva, pelo tan-

to que me deram durante o tempo em que lá vivi. O povo irá adorar; os sacerdotes irão detestar. É perfeito.

— Perfeito? Dificilmente. Tu podes gostar do animal, mas lembra-te de que se trata de uma aberração. É um ser deformado. Quem sabe o que...

— Por favor, Corinn. Ela não é nada aberrante. Eu é que andei a perseguir monstros atrás de monstros. Sei bem o que é uma aberração. Elya não tem um pingo de mau sangue nela. É pura beleza, Corinn. Bondade, humor e beleza. Vamos. Vamos vê-la agora.

Corinn arrastou-se atrás de Mena ao entrarem nos aposentos da irmã. Olhou em volta, com ar nervoso. Mas não o manteve durante muito tempo. Elya — o feroz animal alado que fizera os nobres fugir e os guardas empunhar as armas — estava do outro lado do pátio a marchar sob as ordens de uma criança. Aaden estava montado na sela dela, acenando uma espada de madeira e incentivando o animal a atacar. Elya obedecia, embora o ataque se resumisse a cuidadosas manobras através das mesas e cadeiras de um recinto de descanso. Tinha o pescoço erguido de modo a não esbarrar em nada, e a cauda elaborava delicados círculos tocando ocasionalmente em objetos como se para os não deixar cair.

Duas criadas ali perto observavam, nervosas, bem como um dos tutores do príncipe. Era notório que tinham suplicado ao menino para se afastar, mas agora observavam a situação, curiosos e preocupados ao mesmo tempo.

— Não sabia que ele estava aqui — disse Mena, falando quase num sussurro. — A sério que não sabia.

— Pouco escapa à atenção de Aaden. É tão difícil saber por onde anda como Dariel costumava ser.

— Queres que a chame? Que o tire dali?

Corinn observou a cena um pouco antes de responder.

— Não. Tens razão, o animal é dócil. Até eu o consigo perceber.

— Corinn afastou-se para um lado, encostando-se a um pilar, meia escondida. Mena foi ter com ela e ficaram ambas a contemplar a cena.

— Dizes que é fácil feri-la? — perguntou Corinn.

— As asas dela são finas como papel. São fantásticas. Podes ver através das membranas. Se não sarasse tão depressa, nunca teria sobrevivido. Mas cura-se com uma rapidez assombrosa. E também me

ACÁCIA

fez curar mais depressa. Deveria ainda ter o braço partido, mas nunca me senti tão bem.

— Também nunca tiveste melhor aspeto — admitiu Corinn. — Pareces uma rapariguinha apaixonada pela primeira vez.

— Oh, obrigada, mana. Ia dizer o mesmo sobre ti, na noite passada. Quando estavas sentada ao lado do rei Grae. Faziam um par esplêndido, vocês os dois!

— Pensaste nisso antes de desceres do céu?

— Exatamente — retorquiu Mena, erguendo uma sobrancelha e fazendo um trejeito com os lábios. — Então?

Corinn não aceitou o convite da irmã.

— A tua Elya poderá ter alguma utilidade militar?

— Nem sequer brinques com isso. A sério. Olha para ela. É tão delicada. Poderosa, também, mas não é um poder que eu pudesse colocar em risco. Nem sequer penses nisso.

— Está bem. Está bem. Mas tinha de perguntar — respondeu Corinn. — É uma ave canora, então, não um falcão de caça. Na verdade, isso foi óbvio no modo como juntava as patas e pestanejava na noite passada. Absurdo.

Mena olhou para a irmã boquiaberta, de boca entreaberta e cantos levantados. Havia muito tempo que Corinn não dizia algo com um ar tão leve. Sentiu-se tomada de afeição por ela. Foi um sentimento pungente, de certo modo, pois sabia que há muito que não sentia tal afeto pela irmã, mas que importava? Agora estava ali ao lado dela, observando uma criança e um dragão.

— O que haverá de melhor?

— O quê? — inquiriu Corinn, mas Mena não respondeu.

Quando se separaram, abraçou a irmã um pouco mais tempo do que a formalidade exigia. Corinn não se afastou nem manifestou qualquer sinal de desconforto. Pensando bem, eram as melhores horas que Mena passava com a irmã desde, bem, ela nem sabia dizer quando. Talvez tivesse existido um tempo em que elas eram jovens e tudo era fácil entre ambas, mas, se existira, ela já não se lembrava. Talvez voltassem agora a ser mais próximas. Porque não? As aberrações tinham desaparecido. Encontrara Elya. Aaden era saudável. Corinn governava como rainha, tão confiante, controlando tantas coisas. Dariel regressaria em breve a casa. Quando Melio regressasse também, com o grupo de caçadores, ela passar-lhe-ia as mãos pelas

costas e lado e pedir-lhe-ia que fizesse amor com ela. Ele fá-lo-ia, com certeza, apesar de a olhar surpreendido, esboçaria o seu sorriso maroto e diria um qualquer gracejo; mas ela fechar-lhe-ia a boca com beijos.

Sentia-se quase pronta a deixar de lado a espada de vez. Talvez fosse agora altura de fazer o que Melio há tanto desejava. Talvez estivesse finalmente preparada para ser mãe, para criar um filho em paz. Sim, de facto, há muito que não se sentia tão bem.



CAPÍTULO

TRINTA



Delivegu não apreciava por aí além o entediante trabalho de espionagem. Trazia-lhe bastantes benefícios, grandes vantagens, por vezes. Tudo isso era verdade. No entanto, se fosse apanhado durante algum dos seus momentos menos dignificantes, a sua imagem ficaria manchada. Esforçava-se bastante para parecer um homem desenvolvido, sempre à vontade, com pleno domínio das situações, com uma bebida, um baralho de cartas ou uma mulher sempre à mão: Delivegu, um homem despreocupado, um homem acima das preocupações triviais dos outros, alguém que beneficiava da loucura humana mas que nunca caía nela. Era essa a imagem que mais lhe agradava. Usava a capa de libertinagem como os outros usavam roupa, e sentia-se da mesma forma tão nu quanto eles se não a tivesse.

Por isso, o facto de passar intermináveis e aborrecidas horas encostado à parede de um beco não era o género de coisa que gostaria que se soubesse sobre ele. Tratava-se apenas de algo que precisava por vezes fazer a fim de obter alguma informação útil. Era por isso que se encontrava nessa situação uma noite, quinze dias depois do banquete da Lua Sangrenta. Continuava alerta enquanto a noite ia avançando. Mantinha-se escondido nas sombras, ouvindo os passos dos transeuntes e o estrépito ocasional de uma ou outra carruagem que passava, e com frequência observando os foliões ébrios que passavam a cantar pelas ruas. Ah, o tipo de atividade a que se devia estar a dedicar!

ACÁCIA

A dada altura, um cão que seguia atrás de um pequeno grupo de dignitários talayanos farejou-o e estacou à entrada do beco, rosnando, com o pelo eriçado. Felizmente, os talayanos iam demasiado entretidos na conversa para prestarem atenção ao cão. Delivegu olhou ameaçadoramente para o animal, soltando impropérios baixinho, e demonstrando a sua fúria para o animal com acenos de cabeça para indicar que este se deveria afastar se quisesse continuar a respirar. Por fim, o cão alçou a pata e verteu a sua opinião canina sobre Delivegu. Só então se afastou bamboleante.

Se Delivegu se conseguisse tornar no confidente da rainha do modo como pretendia, faria os possíveis para delegar tarefas deste género a outros. Contudo, não era ainda a altura. Ainda não. Primeiramente teria de fazer as coisas bem feitas, e só podia confiar em si próprio para o fazer. Esta pequena aventura, por exemplo, poderia revelar-se um beco sem saída. Caso assim fosse, não queria que mais ninguém pensasse que tratara daquilo pessoalmente, que passara uma noite inteira escondido num beco .

— Pensa com clareza, homem! — Delivegu esfregou a cara com força. — Ela é apenas uma mulher. Não te enerves tanto.

Contudo, estava enervado. O assunto tinha-se tornado pessoal e isso aborrecia-o. Qual era a razão e o principal alvo do seu aborrecimento? O rei Grae de Aushenia. Aquele pavão empertigado. Não gostara de Grae desde a primeira vez que lhe pusera a vista em cima, no banquete da Lua Sangrenta, quando vira uma criada afastar-se da beira da rainha, passar pela multidão de convivas e depois levar Grae para o lado de Corinn. De início tivera esperanças de que se tratasse de mera cortesia entre soberanos, mas depois desconfiara de outra coisa.

Delivegu conhecia bem as mulheres, tanto as da nobreza como a das raparigas das tavernas. Percebera que a rainha ficara bastante interessada no ausheniano. Ele sabia ver quando a indiferença era falsa, saber ler os gestos corporais pelos sentidos que sublinhavam ou tentavam esconder. Nem sequer precisava de ouvir a conversa que mantinham para perceber que a rainha namoriscara com Grae, de forma recatada, mas coquete. O palhaço ficara ali sentado, orgulhoso e satisfeito consigo próprio, mostrando os dentes brilhantes em mil e um sorrisos e apontando para o salão com o queixo bem desenhado, sacudindo o cabelo arruivado enquanto a rainha o devorava com os

olhos. Delivegu sentira vontade de o estrangular. E depois disso as coisas só haviam piorado.

A rainha continuara a entreter o monarca ao longo da semana que se seguiu, mas Delivegu não conseguia ter acesso a ela. Corinn não o mandara chamar. Limitara-se a enviar-lhe um bilhete que dizia simplesmente: *nada faças em relação à mulher e à criança. Ela já não faz parte das tuas preocupações.* Nem sequer lhe agradecera por ele ter sido o primeiro a dar-lhe as notícias sobre a gravidez de Wren! Nem sequer as cartas que lhe enviara — no intuito de a atrair com a sugestão de novas informações — tinham merecido qualquer resposta. Nem mesmo conseguia obter qualquer resposta de Rhrenna. Tentara falar-lhe diretamente, mas não conseguiu passar pelos guardas numrek carrancudos que protegiam os aposentos da rainha. Que estranhos protetores aqueles: uns brutamontes com ar de quem mataria fosse quem fosse a qualquer momento, amigo ou inimigo.

Pior ainda, toda a informação que conseguira obter através das suas fontes lhe soava como se o palácio estivesse agora a viver alegremente e com grande otimismo. A entrada espetacular da princesa Mena, montada naquele mostrengo, deixara toda a gente entusiasmada, ao que parecia. A ilha pululava de nobres curiosos que desejavam ver o animal. O que significava mais divertimentos, mais bailes, mais banquetes para os quais Delivegu não fora convidado. Uma barca de jograis desviara-se das rotas mercantis e atracara no porto de Acácia. Invadiram as ruas, aproveitando a atmosfera festiva e tornando-a ainda mais animada. Em circunstâncias normais, Delivegu ter-se-ia divertido também, mas, em vez disso, deu por si a ranger os dentes de raiva e preocupação ao pensar que Grae se servira da boa disposição reinante para ir para a cama com a rainha. A sua rainha. Era de enlouquecer.

Sabia instintivamente que o ausheniano não gostaria dele. Claro que não. Embora a rainha provavelmente não visse isso por detrás da fachada de encanto do rei, Grae era tão galaró quanto Delivegu. Se o ausheniano se conseguisse pavonear até ao leito de Corinn e depois o trono, as aspirações de Delivegu — a vir a ser chanceler e algo mais — seriam frustradas. Isso decidira as coisas por ele.

Sem mais ninguém em quem se concentrar, dirigiu os seus propósitos — e boa parte do ciúme que o devorava — contra o rei Grae. Era isso que andava a fazer já há vários dias. Segredava em alguns

ACÁCIA

ouvidos, fazia perguntas, oferecia moedas de prata. Passava a palavra por entre os que tinham ligações aos criados e outro pessoal do palácio ou no bairro dos estrangeiros. Procurava informação sobre o rei ausheniano. Qualquer coisa; ligações românticas do passado, determinadas propensões que pudessem perturbar a rainha; provas de cobardia no campo de batalha, talvez. Delivegu até subornara um escriba com acesso à biblioteca histórica para que procurasse decretos e proclamações feitos em nome do rei. Teria de existir alguma coisa. Grae não podia ser o admirador fiel que pretendia que Corinn pensasse que era.

Que descobrira ele em todo esse afã? Não muito. O rei partilhara o leito com algumas mulheres da nobreza, mas isso não era propriamente um segredo. Nem se podia dizer que estivesse a contrariar as tradições da sua nação. Sabia-se que tomava banho nu com outros companheiros nas fontes quentes das montanhas de Gradthic, mas também não era nada de que se envergonhasse. As gentes do norte faziam esse género de coisas.

O seu registo militar era imaculado. De facto, se dessem crédito aos seus feitos na defesa das fronteiras do seu país após a queda de Hanish, o que era espantoso era que estivesse vivo. As suas proclamações oficiais eram muitas vezes críticas do império acaciano, dos monarcas Akaran do passado e até da rainha reinante, e certamente também da Quota e do domínio que a Liga dos Navios tinha sobre o comércio.

Porém, e então? Nada disto era suficiente para o incriminar. Delivegu chegou a registar estas informações em vários esboços de cartas, mas, ao relê-las, viu a mesquinhez de tais relatos, a sua insignificância. O próprio Aliver Akaran quisera abolir o comércio da Quota. Dariel Akaran fizera explodir as plataformas da Liga reduzindo-as a estilhaços. Precisava de algo mais.

Fora esse objetivo que o fizera ir até ao bairro atrás do palácio, a zona da cidade reservada aos dignitários estrangeiros. Mantivera-se escondido nas sombras junto ao alojamento do rei Grae durante tanto tempo que ficara com as pernas dormentes e dores de cabeça devido ao tédio dos pensamentos repetitivos que o assolavam. Sentia-se tão sonolento que se assustou quando de súbito uma figura abriu a porta e saiu para a rua. A luminosidade era fraca, mas Delivegu estava habituado à luz das estrelas que conseguia ver bem o jovem. Usava

uma capa com capuz de corte ausheniano. Delivegu já vira esses trajes antes e achara-os muito fora de moda. Os aushenianos ainda se viam a si próprios como caçadores das florestas e pântanos. Por que razão tendem as culturas a mitificar o seu passado? Não passava de uma idiotice, quando o mais importante era o futuro.

Porém, não se podia distrair. O que ali havia de estranho era o facto de o homem usar a capa quando a noite estava bastante quente. Caminhava num passo nervoso, olhando em volta como se receasse ser descoberto. Passava-se algo de clandestino ali. Delivegu, silencioso como um gato com as suas botas de sola de pelo, seguiu o homem através do bairro dos estrangeiros até ao portão aberto e depois desceu na direção dos terraços, atravessando os mercados e dando a volta à praça, na qual alguns trabalhadores mais matinais se reuniam, na esperança de conseguirem arranjar trabalho ao amanhecer. O percurso pouco mais durou que vinte minutos, mas, quando terminou, Delivegu sentia que a sua sorte mudara.

O homem encapuçado foi pedir muito cedo o serviço de um mensageiro plebeu, tão cedo que teve de bater à porta durante algum tempo. Acabou por entrar. Delivegu escolheu um sítio de onde poderia espreitar, ao fundo da rua. Aí esperou até o homem encapuçado reaparecer, com o mesmo ar nervoso e dirigindo-se para o mesmo caminho de onde viera. Pesando as hipóteses, Delivegu decidiu mandar uma mensagem também ele em vez de continuar a seguir o homem.

Entrou calmamente, deixando a campainha da porta anunciar com vivacidade a sua entrada. Era um lugar sujo, repleto de caixotes e a tresandar a fezes de pássaro. Havia algumas gaiolas, suficientemente grandes para albergar pombos-correio. A maioria estava vazia; as que não estavam albergavam aves com ar doente, quase depernadas e sarnentas. Não era um serviço da qualidade que um rei — nem o criado de um rei — tivesse necessidade de usar.

O proprietário veio das traseiras da casa, sonolento e com ar adoentado.

— Ainda não abrimos — explicou, olhando desconfiado para Delivegu. — Estamos fechados. Saia e volte daqui a pouco.

— Ah, mas tem de estar aberto. Vi um cliente sair daqui há bocadinho.

— Aquele sacana? Acordou-me de um sono tranquilo. Quase levou um murro por isso. Vá-se embora antes de levar o tratamento

ACÁCIA

que ele deveria ter levado. — O homem era mais baixo que Delivegu, algo rotundo e coxeava; mas movia-se com confiança impaciente enquanto se aproximava do visitante indesejado.

— Alto lá! — declarou Delivegu, numa voz acutilante e cheia de ameaças. — Tem cuidado em quem tocas, amigo. Esta poderá ser uma boa madrugada para ti, ou então tornar-se numa manhã muito desagradável.

O homem estacou. Estava demasiado perto de Delivegu, levado pelo ímpeto, e agora o braço que levantara à laia de ameaça estava a recuar. Esbugalhando os olhos, exclamou:

— As ameaças não me impressionam.

Delivegu sorriu e recuou meio passo.

— Bem, então não as vejas no que eu acabei de dizer. Não precisas, se fores um homem razoável.

— Muito bem, o que pretendes? Enviar mensagem, eh? Não pode ser agora. Não tenho nenhum pombo pronto.

Delivegu fez um ar carrancudo.

— Homens como tu deixam-me confuso. És um homem de negócios, mas tratas tão mal quem, pelo que vês, chegou aqui para te oferecer uma fortuna.

— Hã? — proferiu o homem. — Já ando nisto há um tempo e nunca tal me aconteceu. Nem sequer estou à espera disso. Qual é a tua proposta de negócio?

— A minha proposta, amigo, tem que ver com o homem que esteve aqui antes de mim.

O proprietário não tirava os olhos de Delivegu. Recuou cautelosamente.

— Aquele? O que tens tu com isso? — Então, como que arrependido por ter perguntado, acrescentou: — Os assuntos dos meus clientes são privados. — Alcançara o balcão que corria ao longo da parede dos fundos. Colocou-se atrás deste, com os dedos sobre o tampo, tamborilando ligeiramente e demonstrando com isso mais nervosismo do que o rosto revelava.

— Tens uma arma qualquer aí atrás, não tens? — perguntou Delivegu. Fora avançando enquanto o homem recuava e plantava firmemente os pés no chão, com os braços prontos ao longo do corpo. — Cometerias um grave erro, se pegasses nela. Não o faças. Ouve-me antes de cometeres um disparate. Preciso de saber o que se-

guiu naquela mensagem. Ainda não a mandaste, pois não? — Interrompeu-se o tempo suficiente para o homem lhe responder que não havia mensagem nenhuma. Não se seguiu nenhum protesto. — Não contarei a ninguém nada disto. Continuarás a viver tal como antes. Enviarás a mensagem. Saberei apenas o que seguiu nela, e, por o saber, poder-se-á frustrar uma traição. Esta situação dá-te muitas oportunidades de perder. O que te ofereço é puro ganho: duas opções.

Dizendo isto, Delivegu estendeu os braços. Na mão esquerda tinha uma pequena bolsa em lona, pesada. Na mão direita, uma adaga fina.

— Um saco de moedas ou um punhal. Qual preferes? Garanto-te que tenho bastante jeito com punhais. Tive uma má educação, entendes? Não olhes de muito perto para o punhal. — Acrescentou. — Está tão afiado que te pode cortar a órbita.

— És louco — replicou o homem, apesar de afastar o olhar da lâmina. — A mensagem é para a mãe dele. Uma carta a anunciar o seu casamento, é tudo. Foi isso que ele disse.

— Se isso for verdade, não há razão para não ma mostrares. Rir-me-ei e tu também te rirás e a mensagem voará até à mãezinha. Nenhum mal virá disso ao mundo. — Apontando para a adaga, disse ainda: — Nada tenho contra ti, mas abrir-te-ei a barriga como a um suíno e deixar-te-ei estendido e enrolado nas tuas tripas. Ou então deixar-te-ei duplamente rico, e tudo antes das horas normais de abrires o teu negócio. Pensa depressa.

O homem assim fez. Dava mais valor à sua vida do que à honra. Era uma maneira razoável de ver o mundo, refletiu Delivegu ao tirar o pergaminho das mãos do homem e o desenrolar para ler.

A mensagem não se tratava do anúncio de um casamento, como ele bem sabia que não seria. À primeira leitura, era tão enganosamente simples que se poderia perguntar por que razão estava a ser enviada. Dizia:

B. Tudo está a avançar. Teremos a confiança dela em breve. G.

Delivegu sentiu o sangue correr-lhe mais depressa nas veias, fazendo-lhe estremecer os dedos, latejar as têmporas e até agitar as virilhas. G. tinha ele a certeza que se referia a Grae, assim como estava certíssimo de que *ela* era a rainha Corinn. Quem seria B? Tra-

ACÁCIA

tavam-se precisamente do tipo de provas de que andara à procura, embora pouco significasse por si. Se aquilo o pudesse levar a maiores provas...

— A quem irás enviar isto? — inquiriu.

O proprietário não fazia ideia. O destino da ave seria para um mensageiro semelhante em Aos, e alguém, fosse lá quem fosse, a iria buscar. Ao questionar o homem sobre se não acharia aquela combinação estranha, este respondeu que sim, mas também admitiu ter já enviado várias mensagens do género nas últimas semanas.

— Eu não faço perguntas, só presto um serviço, sabes? — Fez um gesto vago com a mão.

Convenientemente, o homem não tinha um pombo pronto para enviar com a mensagem. Não sairia dali até à noite seguinte, pelo menos, e isso só se o pombo que enviara antes regressasse de boa saúde, mais tarde, nesse mesmo dia. Os pássaros que se encontravam na loja estavam em convalescença. Esse facto deixara preocupado o homem que levava a mensagem. A mensagem chegaria atrasada, provavelmente o tempo suficiente para alguém que viajasse por terra a levar ao seu destino — se o viajante partisse já.

Delivegu não levou muito tempo a planear o que fazer a seguir. Devolveu a mensagem ao dono do estabelecimento, juntamente com a bolsa de moedas que lhe prometera, e desejou-lhe um bom dia. Não disse a ninguém que iria partir. Não enviou mensagem alguma à rainha pressupondo que seria pouco provável que, de qualquer modo, ela viesse a dar pela sua ausência.

Ao fim da manhã arranjou passagem para Alécia, com alguma facilidade, pois havia muitos barcos que faziam a travessia entre Acácia e a grande cidade. Navegou ao longo do dia e toda a noite e desembarcou ao fim da manhã seguinte. Percorreu o porto de Alécia durante grande parte do dia até conseguir embarcar a bordo de uma embarcação ligeira, a remos, pertencente a um mercador, e que seguiria rumo a norte contornando a costa. Passou a noite a bordo, desconfortável mas determinado, e, na manhã seguinte estava já a saltar para o pontão do porto de Aos. Dormira pouco, mas fizera a viagem num tempo razoável. Caminhou ao longo do pontão como que em transe, confiante de que chegara antes do pombo-correio.

Permaneceu algum tempo observando os velhos que ali estavam e que usavam aves de pescoço comprido para apanhar pequenos

peixes. Sentados à beira-mar, iam conversando uns com os outros, enquanto as suas aves, lustrosas e de ar perigoso, sobrevoavam as águas límpidas, mergulhando sobre os cardumes de peixes prateados. De vez em quando, os homens puxavam os fios que estavam amarrados aos corpos das aves. Estas protestavam sempre, irritadas, com a garganta cheia de peixes vivos, sem os conseguirem engolir por causa dos anéis de metal colocados em redor do pescoço. Os homens prosseguiram com a tagarelice enquanto retiravam o peixe da boca das aves, enquanto estas grasnavam, iradas, e o atiravam para dentro de baldes.

Era estranha a maneira como algumas pessoas passavam o tempo, pensou Delivegu, e, por fim, prosseguiu caminho.

Encontrou a loja dos pombos-correio com surpreendente facilidade. Encontrava-se sentado na praia, ali perto, quando abriram as portas. A rua parecia-se bastante com a viela de Acácia onde se situava a outra loja de correios. O seu estômago começou a fazer barulho ao sentir o cheiro a cebola a ferver em água e óleo de especiarias, uma sopa para a arraia-miúda. Pôs uma mão sobre a barriga e respirou pela boca. Havia anos que não comia comida dos plebeus, e não fazia tenções de o voltar a fazer, por mais fome que tivesse.

Viu então várias aves a descer para os pombais atrás do edifício. Tinha a certeza de que uma delas trazia a mensagem em que estava interessado. Observou algumas pessoas a entrar na loja, mas nenhuma atraiu a sua atenção até um rapazinho louro aparecer. Tê-lo-ia talvez ignorado noutras circunstâncias, pois a sua aparição parecia tão ao acaso quanto a de qualquer gaiato de rua. Até ao momento em que o rapaz entrou apressado na loja, com uma intenção aparentemente súbita. Ao sair momentos depois, fingiu um ar casual. Delivegu não se deixou convencer e mergulhou na multidão atrás do rapaz. Seguiu-o até aos subúrbios da cidade, já muito perto das quintas ao ponto de ele conseguir sentir o cheiro a esterco de vaca e porco. Estava prestes a voltar para trás, enjoado, temendo ter-se enganado tremendamente apesar de continuar a segui-lo. Por fim, a teimosia em seguir o seu palpite foi recompensada.

O rapazito encontrou-se com um homem que parecia não ser mais do que um camponês. O miúdo entregou-lhe qualquer coisa e ficou ali um momento, conversando com ele. Então, Delivegu compreendeu. *B!* Ali estava ele. Ali estava ele, o próprio! O infame Ba-

ACÁCIA

rad, *o Pequeno*, o velho agitador das minas de Kidnaban. Ao vê-lo, reconheceu-lhe os traços — a figura volumosa e curvada; a cabeçorra enorme; o pescoço grosso; a voz troante, audível apesar da distância — e quase tropeçou nos próprios pés. Tal era a sorte que mal conseguia acreditar! Andavam atrás daquele homem havia anos. Houvera outrora até uma recompensa pela sua cabeça. Acontecera anos atrás, mas continuava a ser um inimigo do império. Grae e Barad em conspiração secreta contra a rainha. Eis a chave para todos os seus desejos, encontrada numa viela esburacada de um lugarejo das cercanias de Aos, conversando com um rapazito do campo descalço, que levava uma cabra atrás dele.

Com alguns movimentos hábeis, poderia capturar o agitador mais fugidio do império e ao mesmo tempo cobrir Grae de vergonha. Estes dois golpes, tinha a certeza, fariam derrubar a fachada altiva da rainha e, depois, nada haveria mais a separá-lo dela. Delivegu foi-se embora, a salivar, como um predador que avista a presa ao seu alcance.

CAPÍTULO
TRINTA E UM



Quando Dariel pensava na sua vida eram sempre as pequenas coisas que lhe ocorriam à memória, momentos que, de outra forma, ficariam esquecidos. Talvez fosse por terem ficado esquecidos que lhe ocorriam à memória espontaneamente. Pensou na primeira vez que vira Aaden a rir. O sobrinho era ainda bebé e estava, uma tarde, ao colo da ama. Como muitas vezes fizera, Dariel começara a dançar pela sala para entreter o menino. Porém, daquela vez, Aaden não se limitara a olhar para ele. Dessa vez abrira a boquinha, cheio de alegria, e escapou-lhe um estranho som da boca. De início Dariel pensara que o bebé tossia, mas depois Aaden pôs a cabecinha para trás e agitou um bracito no ar, um gesto que não enganava. Estava a rir! Nunca um ato tão simples lhe parecera uma tão grande revelação de humanidade.

Outras vezes, recordava-se de um par de chinelos de feltro que comprara um dia para oferecer a Val e que, depois, perdera antes de lhos ter oferecido. Que frustração sentira! Ou então pensava em como, quando era menino, olhava sempre para Aliver quando este não estava a ver. Mais do que na idade adulta, a forma dos ombros e braços do irmão e o à-vontade com que treinava esgrima infundiam Dariel de admiração pelo irmão.

E em vez de se recordar de Wren a combater a bordo do *Ballan*, abraçada a ele quando faziam amor, subindo à amurada do vaso de guerra da Liga que tinha ajudado a destruir, ou a seu lado, durante o ventoso funeral do pai e do irmão, lembrava-se de nadar com ela nos

ACÁCIA

lagos dos jardins superiores do palácio, numa tarde de sol ardente. Dizendo que já lhe bastava, ela beijara-o e saíra da água, afastando-se. Dariel ficara a olhar para o corpo dela, vestida com um fato de banho fino, mais erótico do que a própria nudez. Porém, quando ela desaparecera de vista, o olhar caiu-lhe sobre as pegadas húmidas e escuras deixadas na pedra cinzenta. Imitações oblongas e tão perfeitas dos seus pés. As pegadas tinham-se desvanecido tão depressa ao sol que ficou sem respiração a vê-las desaparecer.

Eram estas as coisas que lhe ocupavam o espírito agora, durante as longas horas na prisão, solitário. De cada vez que se apercebia de que sonhava acordado — assim tomando consciência também onde se encontrava — era como se, subitamente, se lembrasse de algo tão nefasto que não conseguia acreditar que se esquecera disso nem sequer por um instante. Existira mesmo um mar imenso repleto de cadáveres! Poderia ter mergulhado por entre os cadáveres, nadando de um para outro, sem nunca conseguir tocar em todos, nem que viesse à superfície mil vezes para respirar. Durante muito tempo temera os Lothan Aklun; agora, desejava desesperadamente ter tido oportunidade de ter contactado pelo menos com um deles. Talvez fosse um disparate, mas não conseguia deixar de sentir que talvez aquele povo tivesse tido coisas importantes a dizer-lhe sobre o mundo no qual era agora prisioneiro.

Como e quando poderia Corinn saber do que lhe acontecera? De certeza que o *Ambergris* zarpara já, com as notícias da traição. Ele não possuía o dom da irmã para as manobras políticas, por isso não sabia como ela responderia a isto. Enviaria um pequeno grupo para parlamentar com os auldek? Um exército preparado para invadir? Que lhe diriam os homens da Liga? Mesmo que lhe dissessem a verdade, a Liga não sabia o que acontecera com ele. Além disso, tinham todas as razões e mais algumas para transformarem a situação nalguma versão mais fantasiosa, que se adaptasse às suas necessidades — fossem estas quais fossem. Embora Dariel quebrasse a cabeça a pensar no assunto, não conseguia imaginar o que se estaria a passar do outro lado do mundo. Quando pensava em Mena ou em Wren ao receberem a notícia de que ele estaria morto ou desaparecido, sentia-se invadido por uma enorme angústia.

Mór fora ter com ele uma segunda vez. Entrou, rígida de tanto tentar dominar-se, movendo-se resolutamente com gestos estudados.

Tunnel estava junto dele, quase que parecendo um seu protetor, caso Mór o atacasse novamente. Ela disse-lhe qualquer coisa em auldek. O homenzarrão respondeu na mesma língua, encolhendo os ombros ao falar, terminando por dizer qualquer coisa que deveria ser uma anedota, visto que se riu com as suas próprias palavras.

Mór não manifestou qualquer sinal de bom humor. Arrastando uma cadeira para perto de Dariel, sentou-se em frente dele e encariou-o frontalmente. Mudou para acaciano.

— Se só dependesse de mim, já te teria dado de comer aos leões da neve.

— Isso é uma opção? — perguntou Dariel. — Há leões por aqui? Não estou a dizer que quero ser comido, mas é possível que os leões me tratassem melhor do que...

Estremeceu quando Mór fez um gesto na sua direção. Ela tapou-lhe a boca com uma mão e disse:

— Cala a boca e deixa-me dizer o que tenho a dizer. Depois vou-me embora e podes ficar para aí a tagarelar sobre o que não sabes. O Tunnel ouvir-te-á. Não é verdade?

— Ele tagarela bem — respondeu Tunnel, puxando por uma das suas presas.

— Agora não me podes falar de nada — impôs Mór. — Deixa-me que te diga algumas coisas. Ficas calado?

Relutante, Dariel anuiu. Preferia ouvir o que ela tinha a dizer do que vê-la ir-se embora irritada novamente.

— Muito bem. — Retirou a mão dos lábios dele. — Vou supor que nada sabes. Comecemos pelo princípio sem omitir nada. Encontras-te em Ushen Brae, o lugar a que chamais as Outras Terras. Estamos nos túneis subterrâneos sob a cidade de Avina. Não sei exatamente o que se passou quando o teu grupo se encontrou com os auldek, mas posso dar-te a certeza de que chacinaram toda a tua gente. Houve meia dúzia que conseguiu fugir para os barcos da Liga, mas não foram muitos. Nós só ficámos contigo. Quem somos nós? Não somos auldek. Eu sou Mór, do Povo Livre. Já conheces o Tunnel e a Skylene. Todos pertencemos ao Povo. Do Povo fazem parte aqueles a quem talvez chames a Quota. Somos os escravos que haveis enviado para cá. Muitos de nós ainda vivem em cativeiro. Alguns lutam contra isso. — Encostou a mão ao peito. — Nós somos os que lutamos contra isso. O Povo Livre. Podes pensar que este lado do

ACÁCIA

mundo é só o lugar para onde atirais as crianças que não desejais. Nós não pensamos assim. Já não. Ushen Brae é o mundo. É aqui que construímos o futuro.

— Espera. — Dariel tentou fazer um gesto com as mãos, mas, como as tinha amarradas, gesticulou com os ombros, pedindo desculpa. — Espera só um momento. Deixarei de te interromper. A sério. Apenas quero que saibas que não sou vosso inimigo. Sou um Akaran, sim, e... vós fazeis parte da Quota. Sei que é um crime terrível cometido pela minha família, mas não fui eu que o comecei. De facto, tinha a esperança de acabar com ele. Foi para isso que vim... para ajudar. — Para que isto soasse mais verdadeiro, ergueu o queixo enquanto concluía. — Fazes mal em me acorrentares.

Quando ele parou de falar, Mór continuou como se ele nada tivesse dito.

— És prisioneiro, Dariel Akaran, das muitas crianças que a tua família enviou para a escravidão. Crescemos. Não somos crianças para sempre. Nos próximos dias, decidiremos o que fazer contigo. Alguns acreditam que estás aqui para nos salvar. Outros não. Porém, os anciãos do Povo Livre são pacientes e justos. Serás posto à prova. Talvez — embora não seja provável — te achemos algum valor. Mas, se não tiveres utilidade para nós, servirás de alimento à terra, e ninguém aqui derramará uma lágrima por ti. É tudo o que tenho a dizer-te por agora.

Com isto, Mór levantou-se de um salto, atirando a cadeira a voar com força para trás. Voltou costas e ia a meio da sala quando Dariel falou.

— Espera! — pediu ele.

Mór estacou de súbito.

— Ouvirei tudo — continuou Dariel. — Põe-me à prova também, se é esse o meu destino. Mata-me depois disso, se quiseres, mas deixa-me morrer com o conhecimento de tudo. Não me compreendes, mas eu sei — em mais aspetos do que poderás sequer pensar — que caminhei pelo mundo meio cego. Era a forma de agir da minha família, mas não tem de continuar a ser assim. O meu irmão, se não tivesse morrido e te tivesse encontrado — teria pedido a mesma coisa. Mas ele não se encontra aqui. Então, no lugar dele, conta-me tudo. Por favor.

— Levaria uma eternidade a apagar toda a tua ignorância.

— Não sou o único ignorante nesta sala.

Mór olhou em volta.

— E ainda te pões com insultos?

— Seguindo o teu exemplo — zombou Dariel. — Eras uma criança quando partiste de...

— Quando *fui levada*, eu não parti.

Dariel anuiu com um ligeiro aceno.

— Quando foste levada. Isso é verdade. É verdade em relação a todos os seres que vivem em Ushen Brae. Nada sabeis do Mundo Conhecido, não mais do que uma criança saberia.

— Houve gerações e gerações de pessoas que cresceram, viveram e morreram aqui.

— Sim, mas o Povo nunca soube mais sobre o Mundo Conhecido do que as crianças de sete ou oito anos lhes podem dizer. Podereis envelhecer e tornar-vos sábios à vossa maneira, sim, mas pouco sabeis sobre Acácia.

Mór deu um pontapé no banco que estava no seu caminho, atirando-o a voar a poucos centímetros da cabeça de Dariel. Caiu com estrondo no chão.

Dariel esforçou-se por dominar a frustração que sentia.

— Deveríamos estar a falar um com o outro, não a atacar-nos. Quero saber como é a vida por cá. Quero saber o que tem sido feito em nome dos Akaran. Herdei isto, também — tal como tu. É o facto de não nos conhecermos que permitiu que este crime se perpetuasse.

— Que patético da tua parte vires dizer agora que nos queres ajudar. Agora, que nada és...

— Mór, vivi anos e anos sabendo que existia algo de criminoso no coração do império da minha família. Sabia parte mas não tudo. Conta-me tudo agora. E dir-te-ei tudo o que puder sobre o mundo de onde vieste.

— Sei que o farás — retorquiu Mór, numa ameaça velada. Desta vez, virou costas e saiu da sala antes que Dariel encontrasse palavras, ou forças, para a impedir.

Nos dias que se seguiram, começaram a pô-lo à prova. Não se tratava propriamente de um desafio a ultrapassar. Não se asse-

ACÁCIA

melhava a nenhuma prova que tivesse experimentado. Era uma questão de se abrir o mais completamente possível e de dar, dar, dar. Os anciãos, tal como Mór afirmara, queriam que ele lhes ensinasse tudo sobre o Mundo Conhecido. Queriam saber tudo o que pudessem sobre a terra que os mandara para a escravidão.

De início, Dariel falava com hesitação, sem ter a certeza se estaria ou não a trair o seu povo. Contudo, fora precisamente aquilo que ele pedira. Pelo menos, em parte. Por vezes, era Mór a fazer-lhe as perguntas, algo que Dariel achava emocionante e que ao mesmo tempo o enervava, mas ela tinha outros deveres a cumprir que, por vezes, a afastavam dessa tarefa dias a fio. Era Skylene quem dirigia o decurso do interrogatório mais frequentemente. Parecia ter mais tempo livre do que os outros. A maior parte só conseguia algumas horas, de vez em quando, para se libertarem das tarefas que os seus amos lhes davam.

História, religião, mitologia, as velhas lendas acacias, geografia, nações, raças e líderes, linhagens, feudos e alianças, as Formas, Hanish Mein e os Santoth e Aliver: eles queriam saber tudo. Skylene obrigou-o a organizar estas várias matérias o melhor que podia. Dentro em pouco, vários cronistas vinham passar horas com ele, cada um escrevendo em vários rolos de pergaminho, cada rolo para um tópico diferente. Ele ia saltando de um assunto para outro, conforme os tópicos lhe ocorriam ou como Skylene dirigia a conversa.

Tunnel também o visitava com frequência. Não o interrogava, apesar de Dariel pensar que ele também o deveria fazer. O homen-zarrão normalmente agarrava numa cadeira e sentava-se ao pé dele, suficientemente perto para Dariel sentir o cheiro do óleo com que esfregara o saiote em pele e as tiras das sandálias. Trocava piadas com Dariel, sorria e soltava gargalhadas à mínima provocação. Skylene mostrava-se tolerante para com ele, mas Tunnel era o único dos elementos do Povo que tratava Dariel como um amigo regressado de uma longa viagem. Quase parecia que estavam a reatar uma ligação.

Dariel nunca imaginara que a sua existência chegasse a este ponto. Vivia uma situação peculiar porque parte dele se sentia estranhamente à vontade, exceto nos momentos de pânico e compreensão. Algo no seu íntimo esperara aquilo, desejando-o até. Agora estava ansioso por saber aonde tudo aquilo o levaria.

— Skylene — perguntou Dariel, quando uma nova sessão de perguntas estava prestes a recomeçar — sabes se existe alguma maneira de eu poder enviar uma mensagem para o meu país?

A mulher fitou-o, de lábios franzidos, desconfiada da ideia. Acabara de entrar na sala onde ele a aguardava, sozinho. Tinha o mesmo aspeto impressionante de sempre, mas a compleição azul clara e os traços de ave já não lhe pareciam tão bizarros. Aos olhos de Dariel, faziam agora parte dela. Era estranho que se tivesse habituado a ela tão depressa. Skylene perguntou:

— Que género de mensagem?

— Apenas algumas palavras a dizer à minha família que estou vivo. Não sei o que a Liga lhes poderá dizer. Causaria todo o género de problemas se pensassem que morri. Se a minha irmã pensar que morri — ou descobrir que estou aqui prisioneiro — poderá mandar um exército para me vingar ou para combater os auldek.

— Não creio que isso seja provável — replicou Skylene.

Dariel observou-a.

— Porquê?

Skylene pensou um momento, depois suspirou e abanou a cabeça, tristemente:

— Não importa, Dariel. O que acontecer acontecerá. Não o podemos mudar. Pelo menos, ainda não. Não é possível enviar mensagem alguma. Nunca o conseguimos, em vinte e duas gerações. O que te faz pensar que o poderíamos fazer agora?

— A Liga, então. Ainda devem andar a contornar a costa. Poderíamos...

— Fazer-lhes chegar uma mensagem? — interrompeu Skylene.

— Não sejas tolo. A única mensagem que a tua irmã receberá será a que eles lhe derem. É assim mesmo, Dariel, não temos poder nenhum no que lhes diz respeito. De qualquer modo, Mór nunca permitiria que os contactássemos. São nossos inimigos, lembra-te? Já te esqueceste que eles te iam oferecer a Devoth?

Não, Dariel não se esquecera disso. De facto, sonhara com aquela tarde terrível mais do que uma vez.

— Já dominei a Liga, outrora, sabes?

Alguém bateu à porta. No momento seguinte entraram dois escribas, uma mulher com pintas de shivith de um lado da cara, o outro com uma crista de cabelo negro saindo da parte de trás da cabeça.

ACÁCIA

Skylene fez um gesto indicando-lhes que se sentassem e preparassem os instrumentos de escrita.

— Duvido — respondeu.

— Estive em guerra com eles uma vez. Matei muitos.

— Pode ser, mas isso não significa que os tivesses dominado. Sei que fizeste explodir as plataformas deles; contaste isso já em pormenor. Isso talvez os tenha prejudicado. Talvez lhes tenha acicatado tanto ódio contra ti que te quisesses entregar a Devoth, mas não podes pensar realmente que os tiveste sob o teu poder. Deixa-me dizer-te uma coisa sobre a Liga: eles deixaram-nos bem claro que vocês, Akaran, não passam de meros peões deles. Assim que nos têm como Quota a bordo dos seus navios, rumo a oeste, não escondem mais o facto de que *eles* são a verdadeira potência no Mundo Conhecido. Os Lothan Aklun, de igual forma, antes de terem sido eliminados, também não vos davam importância alguma. Vocês eram clientes deles, mas consideravam-vos uns estúpidos, ignorantes, viciados, facilmente enganados e explorados. Quanto a nós... há muita gente entre o Povo que odeia o nome Akaran e vos considera responsáveis pela nossa escravidão, mas existem algumas pessoas que vos acham patéticos demais para merecerem sequer ódio. Nenhum de nós pensa que vós compreendeis propriamente como o mundo tem funcionado.

— E tu? O que achas tu?

Skylene respondeu sem a menor hesitação.

— Os Kern... o meu clã... têm um ditado: *a verdade é um flamingo branco com muitas cabeças mas um só corpo*. Quando começam a ficar agitadas, as cabeças comem-se umas às outras até restar só uma.

— E nessa cabeça prevalece a verdade?

— Não. A cabeça que restar não vive por si, não quando faz parte de um corpo que sofreu múltiplas decapitações. Talvez reste uma verdade, mas morre quando o corpo que a ligava às outras verdades sucumbe.

Dariel franziu o sobrolho com ar cético.

— O teu clã é tenebroso.

Encolhendo os ombros, Skylene prosseguiu:

— A verdade sobrepõe-se. Contradiz-se. Mas, em muitos aspectos, há muita coisa que é verdadeira. É por isso que penso um pouco de tudo sobre ti e a tua família.

— Se é assim, surpreende-me que estejas a falar comigo. Se a minha gente é tão patética, de que servimos?

A pergunta não lhe causou a mínima hesitação.

— A Liga usou-vos. Os Lothan Aklun usaram-vos. Os auldek também vos usaram. Talvez encontremos algum uso em ti e na informação que nos dás. É isso que os anciãos pensam. E, de qualquer maneira, foste tu que o propuseste.

Sentindo que a pergunta era mais importante do que seria razoável pensar, Dariel não conseguiu evitar fazê-la.

— É assim que a Mór pensa também?

No rosto de Skylene surgiu um leve sorriso, mas, antes de o revelar, a rapariga transformou-o num esgar.

— Não queiras saber o que a Mór pensa que deveríamos fazer contigo. Acredita em mim. — Mudou de tom, tornando-se mais ríspida e formal. — Já falámos bastante. Vamos começar. Ias falar-nos dos mercadores navais.

Parecia-lhe algo tão longínquo para abordar agora, tão irreal na sua existência de prisioneiro naqueles subterrâneos. Começou por explicar o que sabia sobre os mercadores, sobre as correntes em redor do Mar Interior nas diferentes épocas do ano, como as mudanças sazonais tornavam possível às enormes barcaças — autênticas cidades flutuantes — navegarem por uma rota circular rumo ao Arquipélago de Vumu. O império só os governava parcialmente. Na verdade, as famílias dos mercadores de Bocoum mantinham-nos unidos através de uma espécie de governo não oficial. Apesar de o comércio que faziam não ser suficientemente rico para os tornar concorrentes da Liga, eram fundamentais para garantir o fluxo de mercadorias que mantinha o império.

Enquanto falava, vieram-lhe imagens à memória. Primeiro pensou que estava somente a visualizar as coisas para o ajudar a lembrar-se de informação que poderia dar, mas depois percebeu que as imagens eram algo de mais pessoal do que isso. Esquecera-o, mas, na primeira vez que visitara os mercadores navais, era ainda criança. Claro que os visitara. Fora durante a primavera, quando as balsas navegavam na corrente mansa ao longo do litoral do continente. Devia ter uns seis ou sete anos nessa altura, naqueles dias longínquos antes de o mundo ter enlouquecido. Entrara a bordo de uma dessas balsas — não com o pai — mas pela mão de Thaddeus Clegg.

Com aquele «tio» para o guiar, olhara espantado para as águas agitadas, moventes e borbulhantes causadas pelo movimento de milhares de jangadas presas entre si. Os tripulantes daquelas embarcações constituíam uma multidão poliglota, assombrosa, tão diversa quanto o império, ali todo reunido num só local diante dele. Havia gente de todas as nações navegando aquelas águas, ganhando a sua vida através do comércio marítimo. Levavam animais, presos em jaulas ou deambulando livremente, mercadorias e alimentos variados que cozinhavam, borbulhando e fritando, grandes amontoados de objetos empilhados em armazéns, bancas de pescado e marisco, cisternas que recolhiam a água da chuva e uma rede de tubagens que a fazia correr para onde era necessária, tudo aquilo formava uma balbúrdia enorme e grandiosa, repleta de cracas e de um forte cheiro a maresia.

Então recordou-se que Aliver estivera com eles. Mais alto e mais velho, confiante, inteligente e um pouco arrogante; tal como parecia que deveria ser um homem. Oh, como Dariel se sentira pequenino à sombra do irmão. Foi esse o sentimento que o invadiu. Logo depois destas emoções, vieram-lhe as lembranças da relação que haviam re-assumido já homens, no campo de batalha de Talay. Sentiu-se tão emocionado que interrompeu a narrativa.

— Passa-se alguma coisa de mal? — perguntou Skylene.

Dariel irritou-se.

— Sim. Há muitas coisas mal. Posso parar um pouco?

— Mal começámos...

— Bem sei. Desculpa. É que comecei a contar-te uma coisa e isso levou-me a outras memórias.

— Só os teremos durante uma hora — disse Skylene, apontando para os escribas, um deles com a pena na mão, pronto a recomeçar. O outro esperava pela sua vez, caso o assunto divergisse e pertencesse a outro pergaminho. — Depois terão de voltar ao trabalho deles.

Dariel percebeu que não os reconhecia. Talvez ali tivessem estado antes. Provavelmente tinham, mas, no seu papel silencioso, não possuíam identidade para ele. Talvez isso fosse bom. Por causa disso, era-lhe mais fácil dizer:

— Já te contei antes como o meu irmão lutou contra Maeander Mein. Foi o seu grande momento. Acredito que foi, mesmo apesar de ter morrido. Talvez tenha sido grande precisamente por ele ter mor-

rido. É difícil de explicar. Toda a gente que o conheceu desejava que ele nunca tivesse aceitado aquele desafio. Certamente que os do Mein não teriam mantido a promessa de Maeander. De certo modo, era uma situação em que ele não poderia vencer. Então, por que razão o fez? Por que razão terá arriscado tudo em troca de nada? Foi isso que pensei na altura e, depois, quando Aliver acabou por morrer, acabei por ver aquilo como algo tão inacreditável quanto inevitável. Nesse momento odiei tudo: Maeander e Hanish, a guerra, todos os soldados à nossa volta. Até o próprio Aliver! Odiei-o por ter fracassado e por nos ter abandonado. Por me ter deixado. O que te não contei foi o que fiz a seguir.

Reparou que Skylene fazia um gesto ao segundo escrivão e percebeu, pelo ritmo diferente da escrita no papel, que estavam a registar novamente o que dizia. Muito bem, pensou. Deixemos então que escrevam isto também.

— Maeander matou o meu irmão com uma faca, segundo as regras que ambos tinham acordado seguir. Jurei — com Aliver — agir pelas regras e honrar o resultado. Quando vi Aliver no chão e Maeander a afastar-se, tão satisfeito consigo próprio, não me consegui controlar. Odiei-o tanto que nada mais importava. Disse, em voz alta, para que me ouvissem bem no silêncio que se fez: *Matem-no*. Quando vi que ninguém me obedecia, gritei: *Matem-no!* Ordenei. Ouves? Eu *ordenei* que o matassem.

Dariel estivera com os olhos fitos nas mãos mas ergueu-os para ver se Skylene o compreendia bem. A pena da escriba continuou ainda a escrever um pouco mais, depois parou. A mulher ergueu os olhos para o observar.

— Então — prosseguiu o príncipe apertando as mãos, — assim, sem mais nem menos, com poucas palavras, traí a honra que o meu irmão criara para o mundo. Tenho-me odiado por isso desde aí.

— Ele era um comandante inimigo — aventou Skylene. — Apenas fizeste o que...

— Aliver nunca teria feito isso. Honra é honra. Não é apenas honra quando dá jeito. Ele concordara com os termos do combate, tal como eu.

— Não sei bem se compreendo. Certamente que Aliver não pensava que a guerra seria decidida só entre dois homens? Acontecesse o que acontecesse, teria continuado, não é?

ACÁCIA

— É.

— Então os teus atos nada mudaram, exceto que foste tu a matar um dos líderes do inimigo.

Dariel quase se riu. Tristemente, dissera aquilo muitas vezes a si próprio. Outros o tinham também dito já. Havia alguma verdade nisso, mas também era verdade que ambos, ele e Aliver, acreditavam que as pessoas — especialmente os que governam e lideram os outros — deviam ser fiéis à sua palavra. Quem sabe? Talvez Maeander sentisse o mesmo. Talvez tivesse vivido segundo os resultados daquele duelo, cumprindo a sua palavra. Dariel nunca o saberia, pois traíra a sua honra. Tratava-se de uma gigantesca ironia do destino.

Porém, não foi só a ironia que o fez rir. Foi também o que Skylene dissera sobre a verdade ter muitas cabeças mas um só corpo.

— Não discutamos isto agora. Se o fizermos, acabaremos sem cabeças.

A mulher franziu o sobrolho, perplexa por instantes, mas depois percebeu.

— Aprendes depressa, Dariel.

— Nem toda a gente concordaria contigo, mas pelo menos tento. Assim que começares a contar-me coisas sobre Ushen Brae, serei todo ouvidos. Será altura disso já?

Skylene pensou um pouco.

— Isso é a Mór que tem de decidir.

CAPÍTULO
TRINTA E DOIS



Assim que Rhrenna lhe levou a carta, Corinn fez-lhe sinal para que se afastasse. Delivegu fora-lhe útil. Talvez o viesse a ser de novo. Além disso, possuía uma sensualidade carnal a que parte dela — apesar de a sua expressão intencionalmente fria não o revelar — respondia. Mas isso fora antes de Grae ter aparecido e substituído tão completamente o outro homem. Grae, com o seu ar tão nobre, o queixo firme e todas as possibilidades agradáveis e legítimas que as suas propostas nupciais ofereciam, um cavalheiro de nobre nascimento que tão bem provara estar à altura dela em cada um dos dias que fora hóspede no palácio. Desde então, Delivegu parecera-lhe ainda mais um cachorro ansioso. Deixara de ler as suas mensagens. Havia várias semanas que Rhrenna as descartava sem sequer incomodar a rainha. Se ele não desistisse, Corinn decidira que os seus latidos teriam de ser silenciados de forma definitiva.

Rhrenna só precisava de ver a expressão da rainha para perceber os seus pensamentos. Disse em resposta a estes:

— Sim, eu sei. Mas mesmo assim deveis lê-la. Não terei a responsabilidade de não vos entregar esta mensagem.

Nos cantos dos olhos de Corinn assomaram leves rugas de irritação, uma das poucas zonas do rosto em que o passar dos anos deixara alguma marca. Pegou no bilhete, abriu-o rapidamente. Reparou que era muito curto, algo de invulgar no candoviano.

...

Majestade, capturei o vosso inimigo. Tenho comigo Barad o Pequeno e em breve vo-lo entregarei. O vosso leal servo, D.

Corinn deixou o bilhete cair, soprando por entre os dentes. Que Caudácia a dele! Não via razões para acreditar em tal afirmação. A que andaria ele a brincar? Da última vez que ouvira falar dele, Delivegu andava a arrastar o seu mau-humor pelos bordéis da baixa da cidade, à cata de segredos e fazendo o que lhe apetecia. Por outro lado, Barad, *o Pequeno*, andava há anos fugido pelo império, deixando poucas pistas, uma espécie de fantasma do qual ela duvidaria da existência se as notícias que corriam sobre ele não fossem tão coerentes.

— Delivegu é um idiota — exclamou Corinn.

Rhenna apertou os lábios finos, aguentando a seriedade durante alguns segundos, antes de desatar a rir.

— Ambas sabemos que isso não é verdade, majestade. Ele poderá ser muitas coisas, mas lá idiota não será.

— Dás crédito a isto, então?

— Não interessa se acredito. Tenho a paciência suficiente para esperar até amanhã de manhã. — Entregou-lhe uma outra carta dobrada, parecida com a primeira. — Ele enviou-me outra carta, como vedes. Uma mensagem privada. — Apresentou ambos os lados da folha, como se hesitasse. Mas não era isso que acontecia, como revelavam os seus olhos risonhos. Encolhendo os ombros, atirou a carta para cima da secretária da rainha. — Mas o que é meu é vosso, claro. Lede-a, se vos aprouver.

Andava tão tontinha como Mena com a sua ave-lagarto, pensou Corinn. Tão tonta quanto eu e o meu pretendente.

Olhou para a missiva, mas não pegou nela. Estaria a tornar-se mais frouxa? Haviam passado apenas algumas semanas desde que Mena e Grae tinham aparecido na corte, mas já desconfiava de que deixara passar algumas coisas que normalmente não descuidaria. Não reparara em algumas desfeitas, decidira não dar importância a uma desconfiança ou outra a fim de não interferirem com a sua boa disposição. Seria isso um disparate? Ou estaria na altura de desfrutar de alguma alegria na vida novamente?

A alegria, pensava, talvez não seja a fraqueza que eu pensava que seria.

Estar ao lado de Grae animava-a, incentivava-a a governar com bondade. Deu por si a namoriscar com ele sem a máscara de controlo que se tornara parte de quase todos os seus gestos. Aquela despreocupação aliviara a tensão que a atormentava havia anos. Isso não era algo de mau, pois não? Uma vez, Grae pegara-lhe na mão, quando se encontravam sentados num banco, no pátio alto do monumento às primeiras torres defensivas de Edifus. Corinn julgava que ele não soubesse que o irmão, Igguldan, se ajoelhara ali mesmo, assombrado com a magnificência dos antepassados. Nem ela o mencionou, pois Grae era cada vez menos a sombra do irmão, mais ele próprio, a cada dia que passava. Era bom que ela o visse assim, pois Grae era um ótimo rei para o seu povo e talvez viesse a ser um bom monarca para todo o Mundo Conhecido.

Certa vez, dois dias antes, Corinn até lançara um pequenino feitiço nos jardins: insetos de uma espécie que não existia. Eram como que formigas com grandes asas diáfanas, que pareciam não querer fazer mais nada do que esvoaçar por cima das cabeças de quem as observava em encantamento. Quase pareciam cantar, como se o bater das asinhas brilhantes espalhasse música no ar. Corinn tinha consciência de que aquilo era tanto para impressionar Grae como para deliciar Aaden e os seus amigos, mas, por uma vez, permitiu-se isso a si própria. Estava ansiosa por o fazer de novo. Pois que o povo receasse a sua feitiçaria, mas que a amasse também.

Recusara até encontrar-se como *Sire* Nathos, que viera à ilha com Paddel, o vinicultor. Ambos imploravam por começar a distribuição do novo *vintage* de Prios, o vinho imbuído de bruma que iria servir para entorpecer a população mais uma vez. Corinn não se decidira exatamente contra o emprego do vinho, mas perguntava-se se realmente seria possível governar sem aquela ajuda. Era amada — ou poderia ser. Contavam-se tantas histórias sobre os seus poderes e dons como se contavam sobre as proezas guerreiras de Mena. Talay florescia de vida novamente. Havia tanta coisa a correr bem. Todavia, tanto Paddel como Nathos acreditavam de certeza nos perigos que aquele Barad representava. Fora ele a principal razão citada para explicar a necessidade daquela nova droga.

— Encontra-te com ele, então — disse Corinn a Rhrenna, sem

ACÁCIA

ter pegado no bilhete. — Analisa as coisas por ti. Se o que Delivegu diz for verdade, recebê-lo-ei antes de me encontrar com o próprio prisioneiro. Se estiver a mentir, trata de o mandar matar.

O dia seguinte amanheceu como era habitual durante o verão em Acácia; fazia calor e corria uma brisa ligeira, o sol resplandecia num céu azul e branco sobre o vasto mar azul-turquesa, à superfície, matizado de tonalidades mais escuras nas profundezas. Era quase ridículo como o tempo se apresentava tão inexoravelmente perfeito na ilha. Sentada ao lado de Aaden, Corinn sentiu uma súbita saudade de Calfa Ven. Teriam de lá ir em breve, subir àquelas alturas rodeadas de ar puro e húmido, onde as noites eram frias, as manhãs repletas de neblina e no ar ressoavam sempre sons de animais, quer fosse o rosar de um urso lobo, um leão rugindo de mansinho ou um veado chamando as fêmeas. Talvez convidasse Grae a ir com eles. De certeza que ele gostaria imenso daquele retiro. Esteve quase a perguntar a Aaden se ele também gostaria, mas estava ali com ele por uma razão. Seria melhor tratar disso primeiro.

A mãe e o filho encontravam-se sentados em bancos ali colocados para eles observarem por nergas de vidro fumado. Abaixo havia uma sala vazia, com uma cadeira no centro. As claraboias iluminavam o aposento embora a área visível estivesse protegida do sol por um toldo. Podiam olhar para baixo sem serem vistos. Assim instalados, aguardavam a chegada do prisioneiro.

— Se este homem for quem o meu agente diz que é — proferiu Corinn, — é um dos meus maiores inimigos.

— Já ouvi falar dele — retorquiu Aaden, afastando o cabelo alourado da testa. — Mas como pode ele ser uma ameaça? Nem sequer possui um exército. O meu tutor diz que ele incentiva a gente comum à revolta, mas que ninguém o fez ainda, apesar de toda a conversa dele. São comerciantes, ferreiros e camponeses.

— Pensas que comerciantes, ferreiros e camponeses não constituem uma ameaça para mim? Isolados não são, claro, mas Barad consegue transformar muitos num só. Isso é perigoso. Governamos porque o povo nos permite governar. Acreditam que temos poder, mas é essa ilusão que têm o que nos permite ter esse poder. Nunca

te esqueças disso. Nada do que faças com a tua espada, ou com o teu exército, é tão importante como o que consegues fazer com o teu espírito, com as tuas palavras...

Surgiu algum movimento na sala lá em baixo. Entraram quatro guardas Marah, cada um com os seus braços cruzados, empunhando em simultâneo as pegas das espadas curta e longa prontos a desembainhá-las. Deram uma volta em redor da cadeira vazia, cercandoo. No momento a seguir, entrou um homem gigantesco. De mãos presas atrás das costas, teve de baixar a cabeça ao passar pela porta. Parou à entrada da sala e ficou uns instantes a observar o lugar. Estava vestido de andrajos sujos. Uma das mangas estava rasgada no ombro. Após ter olhado em volta da sala, ergueu a cabeça e olhou a direito para cima, para a vidraça esfumada atrás da qual se encontravam a mãe e o filho a observarem.

Corinn falou um pouco à pressa, talvez para se confortar tanto a si própria como a Aaden.

— Ele não nos consegue ver.

O rapazinho respondeu:

— Parece um camponês. Grande, mas mesmo assim não passa de um camponês.

Um outro guarda bloqueou a entrada atrás do prisioneiro. Empurrou-o para a frente com a mão livre, a outra agarrando o punho da espada. O guarda mandou-o sentar-se na cadeira e depois colocou-se à frente dele proferindo qualquer coisa que a rainha e o filho não conseguiram ouvir.

— Então, se acharmos que este homem é perigoso para nós, o que faremos com ele?

Aaden manteve-se sentado em silêncio durante muito tempo. Corinn pensou pela milionésima vez no quanto amava aquele menino. Como era possível amar tão completamente e lembrar-se desse amor uma e outra vez, todos os dias?

— Isso não depende de perigo que ele representa? O que ameaça ele fazer e como? — acabou Aaden por dizer.

— Sim, são coisas que temos de ter em conta. Ele é perigoso porque possui o dom da palavra. Pertence ao povo e, quando lhe fala, fá-los acreditar que todos os seus males são causados por nós. Claro que não são. Pedimos muito aos nossos súbditos. Em troca, damos-lhes a estabilidade de uma nação próspera. Os plebeus raramen-

ACÁCIA

te entendem isso, e esquecem-no quando um homem como este se encontra no meio deles. Por isso, o seu perigo é que ele mistura uma série de males e dirige-os para um alvo — a dinastia Akaran. A ti, Aaden. O que ameaça ele fazer? Destruir-nos. Pensa que os seus amigos camponeses governariam melhor o mundo do que nós. Ou pensa que terá mais poderes com a nossa queda. Não sei quais. De qualquer maneira, gostaria que eu fosse deposta do trono. Talvez morta, depois de um julgamento fictício. Então, o que fazemos com ele?

— Fazemos com que deixe de falar!

— Talvez, mas isso não desfaria as coisas que tem dito e as emoções que despertou nas pessoas. O que será melhor do que silenciá-lo?

— Se ele tem assim tanto de falar... deveríamos fazer com que dissesse o que queremos que diga, em vez de aquilo que não queremos.

No rosto de Corinn surgiu lentamente um sorriso. A resposta não a surpreendia — ela própria já pensara nisso — mas agradou-lhe. Estendeu a mão e afagou-lhe o cabelo desalinhado, dizendo:

— Menino inteligente...

Aaden aceitou o elogio com um encolher de ombros.

— Agora podes ir-te embora. Contar-te-ei mais tarde o que este criminoso tinha a dizer.

Porém, Aaden tinha mais qualquer coisa em mente.

— Grae disse que irá andar a cavalo comigo amanhã, até ao Rochedo do Refúgio. Diz que tem uma linha de pesca tão comprida que chega ao mar, lá do alto. Não pode ser possível! Deve estar a brincar! Posso ir, não posso?

— Gostas do Grae, não gostas? — perguntou Corinn, tentando fazer a pergunta de modo ligeiro e casual. — Tens passado até mais tempo com ele do que eu.

— Ele fez esgrima comigo. Não como os outros, mas com espadas verdadeiras. Eu podia ter-me ferido. — Esta perspetiva parecia encantar o menino.

— Ai foi? — Corinn ergueu uma sobrancelha. Não era nada de novo para ela. Pouco do que Aaden fazia lhe escapava. Por isso mesmo, pouco do que Grae fizera durante aquelas semanas lhe escapara. Sabia o que Aaden não sabia sobre aquele duelo a brincar: que as lâminas que tinham usado eram leves e sem gume. Mesmo assim, Grae poderia tê-lo magoado, mas dez pares de olhos Marah tinham estado

presos a eles o tempo todo, prontos a fazer pagar qualquer simples ferimento com uma morte rápida. Corinn perguntou:

— Não achas que isso é perigoso?

— Não. Nem por isso. Ele disse que sou mais rápido do que ele. Mais rápido que ele alguma vez foi, disse ele. — Logo a seguir, acrescentou — de qualquer modo, ele nunca me magoaria. Gosta de mim.

— Claro que não faria tal — retorquiu Corinn. — E claro que gosta de ti.

A demora de Aaden a sair fez com que ainda estivesse no corredor quando Rhrenna fez entrar Delivegu. Depois dos cumprimentos formais, o candoviano disse:

— O vosso filho, a cada dia que passa, parece-se mais com Hanish Mein. — Apontou para o corredor explicando a razão do comentário.

Corinn olhou-o um momento, pensando até que ponto seria severa com ele. Viu que estava muito bem vestido como sempre, camisa de um branco brilhante, as calças negras tão justas que pareciam ter encolhido para se ajustar ao seu corpo. Os brincos de argolas, em ouro, brilhavam e usava braceletes que se entrechocavam quando se movia. Mas, apesar de toda aquela exuberância, o rosto não demonstrava a arrogância habitual. Talvez o tempo que passara sem os favores da rainha o tivesse amadurecido.

— Conhecias Hanish Mein? — inquiriu Corinn.

— De o ter visto, sim. Só de vista. Ele não me conhecia, mas era difícil não dar por ele quando estava no poder. Gostava do estilo dele. — Como se lhe tivesse ocorrido nesse momento, acrescentou: — Nessa altura, creio que vós também.

Ou talvez não tivesse amadurecido, pensou Corinn. Ainda não tinha a certeza. Ordenou-lhe que explicasse o que afirmara e para documentar a identidade do homem que se encontrava sentado na sala lá em baixo. Delivegu apressou-se a fazê-lo. Explicou que obtivera informações que o tinham levado a um certo serviço de mensagens. Aí, intercetara uma mensagem que seria enviada ao patife. Partiu imediatamente para o destino da mensagem. Fora um risco, a consideráveis custos pessoais, mas valera a pena. Localizara o homem. Espiara-o o tempo suficiente para ter a certeza da identidade do sujeito, depois arranjara modo de o apanhar.

— Como fizeste isso?

Delivegu encolheu os ombros e tentou parecer o mais acanhado que lhe era possível.

— Não tenho orgulho nenhum quando tenho de tratar desses assuntos. Apareci atrás dele quando estava ocupado com as chaves para abrir a porta do quarto que alugara. Bati-lhe na cabeça com uma clava.

— Assim, sem aviso?

— Claro. Que melhor modo de o fazer? E ainda bem que o fiz assim, pois o homem não caiu só com aquela pancada. Virou-se e tentou apanhar-me. Tive de lhe bater mais duas vezes até ele tombar no chão de joelhos. Então foi mais fácil tratar dele. Um pouco mais fácil, pelo menos.

— Como sabias que se tratava de Barad?

— Antes de me aproximar dele, interroguei um seu conhecido. Um jovem com, digamos, pouca resistência para me resistir.

— Essa informação inicial que obtiveste... a que te levou ao serviço de mensagens... como é que a arranjaste?

Delivegu aclarou a garganta.

— Tenho algo a contar-vos que talvez acheis perturbador. — Interrompeu-se, de cenho franzido, com um estranho ar consternado. — Preferia que soubésseis dos outros pormenores primeiro, mas esta parte não pode ser evitada. Tendes razão em o perguntardes. Ouvi-me com atenção, por favor, antes de dizerdes alguma coisa.

Corinn manteve o olhar fito nele enquanto Delivegu prosseguia. Mantinha os olhos cravados no homem, primeiro no rosto como um todo e depois no pormenor das feições: a curva do nariz, o movimento dos lábios, o pelo negro da barba. Era necessário concentrar-se assim, pois, de outro modo receava deixar transparecer o facto de o seu coração palpitar duas vezes mais depressa do que batera momentos antes. Nem sequer olhava para Rhrenna, que escutava aquelas notícias com ela. Sabia que corara, mas a expressão mantinha-se inalterável. Becos e espionagem. Seguir um criado... O que ele lhe estava a dizer era...

— Como imaginais, tive de ser bastante duro com Barad. É um homenzarrão, entendeis, por isso tive de ser cauteloso. De qualquer modo, ele estava um pouco fora do assunto e perguntou-me «Ele traiu-me à rainha?» Eu tinha-lhe explicado que estava ao vosso serviço. Quando me perguntou aquilo, quase lhe perguntei «Quem?»

Já tinha a palavra na ponta da língua, mas reprimi-a. — Delivegu demonstrou como o fizera, imitando uma tesoura com os dedos. — Em vez disso, disse-lhe: «Claro que te traiu. Ele pertence à realeza, afinal de contas. Porque haveria de se associar a plebeus? — Disse isto para causar confusão, discórdia ou qualquer coisa assim. Porém, ele não manifestou nenhuma destas coisas. Simplesmente o aceitou, com tristeza.

— Então... — Delivegu respirou fundo, depois falou com franqueza — não pode haver dúvidas, majestade. Barad, o vosso inimigo plebeu, estava a trabalhar em conluio com o rei Grae. Enquanto fiz a viagem para cá com Barad, voltei ao assunto várias vezes. Ele pouco disse, por isso contei-lhe como fora. Como o rei Grae vos falara de uma conspiração que congeminavam juntos. Como vós e o rei arquitetaram um plano para o capturarem. Até lhe disse que vós e o ausheniano estáveis secretamente noivos. Tenho um certo talento para descobrir a verdade, mesmo quando quem interrogo nada revela. Porém, não há dúvidas. Ele estava ligado a Grae e agora acredita que Grae o traiu. Entrego-o a vós para que façais justiça.

No seu íntimo, Corinn sentia-se invadida por uma enorme vaga de pensamentos contraditórios. Contudo, fazia um esforço para que nada transparecesse no seu rosto. Apesar do turbilhão interior, ouviu-se a si própria proferir com calma:

— Trataremos disso tudo muito em breve. Falarei com ele agora.

Delivegu endireitou-se, como um servo obediente, desejoso de agradar e manifestamente feliz com a reação dela — ou com a falta de reação. Corinn parou junto da porta e deixou Delivegu passar à frente dela. Inclinando-se para Rhrenna, segredou-lhe:

— Enquanto estiver com ele, leva Grae para o terraço lá em cima. Deixa-o ver com quem estou a falar. Observa-o. Diz-me se deu sinais de reconhecer o homem.

O tempo devia ter passado, mas ela nem se apercebeu disso. Era-lhe difícil perceber porque tinha tanta dificuldade em se concentrar. Sentia o espírito entorpecido, mas, ao mesmo tempo, tocado por um pânico que se poderia apoderar de toda ela se não tivesse cuidado. Não era apenas ao pensar em Grae, nem a descrença de o poder ter avaliado tão mal, nem sequer a saberá consciência de que ele tinha praticado esgrima com espadas de

metal com Aaden, nem sequer o compreender o quão perto se encontrara da loucura.

Além de tudo isto, as emoções que reprimira dentro de si durante anos tinham despertado no seu íntimo. Recordações do pai, de Igguldan, de Hanish: todos os homens que a haviam traído, cada um ao seu modo. Seria Grae mais um deles? Seria ela ainda a rapariguinha idiota que fora aos dezasseis anos? Além disso, ocorriam-lhe imagens da mãe durante a doença, as recordações de como chorara e chorara e chorara no leito dela, enquanto a mãe — que agonizava — tentava consolá-la. Sentia também uma saudade profunda, que quase nunca admitia, de se sentar e falar com Aliver, naquele momento, como adultos, ambos vivos.

Então, deu por si a caminhar pelo corredor atrás de Delivegu. Entrou na sala e deu uma volta até ficar em frente da cadeira. Os guardas seguiram-na com o olhar, e ela ia observando tudo, até o perfil do homem prisioneiro sobressair à luz da sala e o poder fitar em pleno. Chamou a si toda a atenção possível, esquecendo os ruídos em redor e concentrou todo o seu ser na troca de palavras que iria acontecer. Teve de focar o olhar num único ponto, enquanto o resto do mundo se transformava numa mancha baça. O homem tinha os olhos castanhos, algo espaçados um do outro. Ao olhá-la, pareciam pesados, como se o facto simples de os mover fosse uma tarefa monumental, como se fossem de pedra. Ela quase que os ouviu ranger ao moverem-se.

Corinn disse então:

— Baixa os olhos. — O homem olhou para ela um momento mais longo do que deveria e depois obedeceu.

— Como poderias pensar que o monarca de um reino poderia trair o monarca de outro... por camponeses? Não vês o disparate que isso é? Como é impossível? E tinham-me dito que és inteligente. Sorrateiro. Astuto. Afinal, não és nenhuma destas coisas.

Teria ela mesmo proferido tudo aquilo sem demonstrar a mínima emoção? Tinha. A firme atenção do homem o confirmava. Ele olhava para os pés dela mas nada dizia.

— Podes falar à vontade comigo — proferiu Corinn, agora um pouco mais confiante na sua voz. — Não me ofendo facilmente. Nem me assustas. Se o teu modo de falar é grosseiro, pois que seja. Eu também uso por vezes de alguma grosseria.

O homem levantou um dos cantos da boca. Parecia um tique, um trejeito dos músculos da face, mas a expressão manteve-se. Um sorriso de esguelha.

— Pois bem, fala. É isso que gostas de fazer, não é? Fazer discursos. Exortar o povo. Pregar às massas! Tenta fazê-lo para uma audiência de uma só pessoa.

O homem baixou a cabeça e Corinn deixou de ver aquele sorriso. Observou-o a recompor-se, respirando fundo várias vezes. Pensou que poderia ordenar que lhe batessem. Que o mutilassem. Que o matassem. Poderia — agora, ali mesmo — ordenar que lhe cortassem a língua. Não haveria mais discursos. Compreendeu, que, no fundo, o que fervilhava na sua mente era a canção. Ouvia-a bem alto, no seu íntimo, rolando pela curva do interior da sua cabeça numa amálgama de fogo líquido e som, ansiando sair cá para fora. Nem sequer precisaria de dar ordem a alguém que agisse por ela. Poderia abrir a boca a entoar o feitiço que o lançaria para o esquecimento.

— Traíste os sonhos do teu irmão.

Primeiro Corinn viu as palavras na boca do homem, depois ouviu-as, a seguir juntou as duas coisas e compreendeu-as.

— Traí? E o meu irmão andou a contar-te esses sonhos?

Barad respirou várias vezes antes de responder, mas tinha a voz firme ao fazê-lo, sem demonstrar um laivo de engano ou de hesitação.

— Sim. Ele fala comigo em sonhos muitas noites. — Ergueu o olhar. — Não invento discursos, Corinn Akaran. Simplesmente recito aquilo de que me lembro, o que Aliver quis que eu dissesse ao mundo. Farias bem se o escutasses também. Ainda não é tarde para te salvares da ruína completa.

Corinn foi ainda mais rápida que o guarda Marah a responder a este insulto. Nada disse. Limitou-se a abrir a boca ligeiramente e a deixar sair o laço da canção que já aguardava em si. Esse laço deslizou pelo ar num murmúrio leve e o que ela pensara realizou-se. Os olhos que se haviam atrevido a olhá-la já não existiam. Eram réplicas em pedra, geladas nas órbitas. Delivegu soltou uma exclamação sufocada. Um dos guardas Marah largou uma praga, espantado. O próprio Barad não se moveu. Os seus olhos de pedra fitavam-na, a expressão inalterada.

Corinn deu uma volta e foi-se embora.

Uma hora mais tarde, no seu gabinete, lembrou-se do sonho que tivera naquela manhã. Sonhara que combinara encontrar-se com Grae nos seus aposentos. Não lhe explicara porquê, mas, quando ele chegava, tinha o quarto iluminado com luzes baixas, rescendendo a incenso. Um músico escondido num armário oculto tocava uma melodia suave numa flauta de osso. Ela estava de pé, vestida com uma túnica fina, diáfana.

Quando ele a viu, abriu muito os olhos azuis, admirado.

Estava nua sob a túnica. Bem via pela dificuldade nervosa com que Grae tentava dominar o olhar que ele reparara nisso. Corinn tinha consciência de que a luz da vela atrás de si lhe realçaria a figura em curvas lânguidas, e, ao pensar no poder que tinha apenas por ali estar assim quase como viera ao mundo, fê-la ficar com os mamilos eretos contra o tecido fino. Ele também o notou.

— Não sou virgem — proferira ela. — Nem nenhuma rapariguinha que cora por tudo e por nada. Não tenho vontade alguma de me apaixonar novamente. Essas coisas pertencem ao meu passado. Venho ter contigo tal como sou. Uma rainha. Mãe. Mulher. Talvez estas três coisas sejam demasiado complexas para lidares com elas, mas, se te consideras monarca capaz disso, casar-me-ei contigo. Esta sou eu. Pensa.

Com isto, Corinn desapertara os nós da cinta e sacudira a túnica de seda dos ombros — deixando Grae vê-la nua dos pés à cabeça. Agradava-lhe sentir os olhos dele a adorá-la — isto espicçou-a a tornar mais curta a observação dele.

— A propósito, terei a tua resposta agora.

A resposta dele, no sonho, fora levantar-se e ir ter com ela, vacilando estranhamente enquanto o fazia, erguendo primeiramente um braço e depois o outro. Movimentava-se num estranho bailado que ela pensou ser um costume do seu povo, uma dança ritual ou qualquer coisa assim. Achou aquilo bonito e começou a fazê-lo também.

Porém, não passara de um sonho. Na vida real, não usara aquela roupa diáfana. Não fizera aquela proposta. Sentada no gabinete depois do encontro com Barad, analisou estes factos várias vezes até ter a certeza. Não, nada mais demonstrara ao ausheniano do que uma hospitalidade amável. Fora mais generosa com o tempo que lhe de-

dicara do que o normal, talvez tivesse sorrido com demasiada facilidade ou falado num tom familiar demais. Mas nada mais do que isso. Estava tão grata por isso que apertou a testa com as pontas das unhas, agradecendo ao Doador por lhe ter dado pelo menos a benesse dessa reserva.

Quando Rhrenna entrou, estava pálida e de rosto desfeito como se fosse cera derretida ao sol. Corinn já sabia o que ela lhe diria. A secretária confirmou laconicamente que Grae quase engolira a língua quando vira Barad. Apesar de Rhrenna falar com ele num tom inocente sobre o que estava a acontecer — não revelando quaisquer suspeitas em relação a ele — Grae começara a balbuciar e chegara até a tremer um pouco. O suor começara a correr-lhe em bica pela fronte e as tentativas que fizera para manter um ar casual foram claramente forçadas.

— Não posso acreditar que tivesse estado sempre a representar — proferiu Rhrenna. — Mas aí está a prova. Ele enganou-vos...

— Isto nada tem a ver com ser enganada — cortou Corinn. Proferiu as palavras antes de se aperceber que falara, mas era a verdade. O engano era para pessoas inferiores a ela. — Trata-se de governar um império — declarou Corinn. E depois deu novas ordens.